



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC
COLEGIADO DE ARQUEOLOGIA
CAMPUS – VIII – PAULO AFONSO - BAHIA
CURSO: BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA**

LARISSA CRUZ DA SILVA SANTOS

**A LINGUAGEM ESCRITA EGÍPCIA: A HISTÓRIA DE UMA CIVILIZAÇÃO
CONTADA ATRAVÉS DOS SIGNOS.**

**Paulo Afonso
2019**

LARISSA CRUZ DA SILVA SANTOS

**A LINGUAGEM ESCRITA EGÍPCIA: A HISTÓRIA DE UMA CIVILIZAÇÃO
CONTADA ATRAVÉS DOS SIGNOS.**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Arqueologia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharelado em Arqueologia.

Área de concentração: Arqueologia Histórica

Orientador(a): Prof.^a Ma. Jailma Maria da Silva.
Co-orientador(a): Prof.^a Dr.^a Maria Cleonice de Souza Vergne

**Paulo Afonso
2019**

Folha de Aprovação

LARISSA CRUZ DA SILVA SANTOS

**A Linguagem Escrita Egípcia: a história de uma civilização contada
através dos signos**

Trabalho de Conclusão de Curso/TCC apresentado no Curso de Bacharelado em Arqueologia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arqueologia.

Aprovado em ____ de Dezembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Prof.^a Ma. Jailma Maria da Silva
Universidade do Estado da Bahia – DEDC Campus VIII

Prof.^a Ma. Jamile Silva Silveira
Universidade do Estado da Bahia – DEDC Campus VIII

Prof. Me. Kárpio Márcio de Siqueira
Universidade do Estado da Bahia – DEDC Campus VIII

Paulo Afonso-BA
2019

**Dedico este trabalho,
A Deus, a minha mãe e a meu pai,
a minha avó Maria e aos deuses
egípcios. A eles dedico todo o meu
amor, gratidão e dedicação.**

Agradecimentos

Agradeço,

A professora Jailma, por me fazer acreditar que tinha capacidade de escrever;

A professora Cleonice, por todos os seus ensinamentos que não estão em livros;

A meu irmão, por acompanhar e torcer por mim nesta caminhada. Mesmo sendo a pessoa mais chata do mundo, Junior me impulsionou a sempre lutar e a ser mais do que esperavam de mim;

As minhas amigas irmãs, Larissa e Karol, por me apoiar e impulsionar, nos momentos em que pensei em desistir;

As mulheres da minha família, em especial: minha mãe, minhas avós (Maria e Eulalia), as minhas tias (Jailma, Jocilene, Jocileide, Jailda, Joelia, Judite e Raimunda), por serem exemplos a serem seguidos. Mulheres batalhadoras que lutaram e lutam, para construir um futuro, onde haja igualdade e força de vontade para vencer. Agradeço, infinitamente, por serem as minhas heroínas da vida real;

Aos meus tios, (Jair, Joel e Nengo), que torceram, acreditaram e me ajudaram das mais variadas formas possíveis;

Ao meu pai, meu herói da infância e meu motivo de reclamação do presente. Sempre se orgulhando dos meus acertos, e um grande apoiador a seguir em frente após os erros.

Aos meus amados, Arthur, Amanda, Yury e Dandara, que mesmo com a saudade causada pela distância não me esqueceram, agradeço por me terem como um exemplo a ser seguido.

A Bininha, por me ensinar exatas, meu carma até hoje. E por ser mais que uma professora, e sim uma amiga.

Aos professores do colegiado de arqueologia, em especial a professora Rita, professora Floriza, professor Bruno e professor Jacques, que acreditaram em nossa capacidade de ser mais. E a professor Salomão por dar ideias para o desenvolvimento do trabalho.

Aos meus colegas de turma, em especial: Léo, Janaina, Giusepe, Mikaela, Dani, Naiane, Terezinha, Varjão e os Jhons. Agradeço a alguns pela parceria e outros pelos sorrisos compartilhados em momentos que se tornaram inesquecíveis.

Ao falecido One Direction, por ser a trilha sonora dos meus primeiros anos acadêmicos, e por continuarem comigo nesta reta final. Ao BTS, que conheci apenas em 2015, mas que me apoiou indiretamente com suas músicas inspiradoras. Agradeço infinitamente por seus CDs me transmitirem a calma necessária para escrever durante as madrugadas sem dormir.

Enfim, agradeço a todos que direta ou indiretamente, me incentivaram a seguir lutando. Essa é só a primeira etapa de uma jornada, que espero e acredito, que será brilhante.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo dissertar sobre a linguagem escrita egípcia, que é o principal norteador para o conhecimento sobre o cotidiano social, político e econômico dessa civilização, junto às suas questões sociais que fizeram do Egito Antigo uma sociedade caracterizada por uma pirâmide social de classes. Desta forma teremos como aporte teórico de cunho Arqueológico-Histórico, os estudos de Ernst Doblhofer (1962), Antônio Brancaglione (2004), Jaime Pinsky (1987), Aude Gros de Beler (2016), Steven Roger Fischer (2009), Sophie Desplanques (2011), Waldomiro O. Piazza (2005) e Sergio Donadoni (1994); e para uma análise linguística nos basearemos na teoria estruturalista de Ferdinand de Saussure (2006), e outros autores que contribuíram para as discussões linguísticas, como Margaret Marchiori Bakos (1998), que tendem a uma metodologia bibliográfica, acessada virtualmente através da internet, como também em obras impressas e virtuais. As marcas de uma linguagem escrita são importantes para os conhecimentos acerca das particularidades de quaisquer povos. A linguagem utilizada no Egito Antigo, cerne do nosso trabalho, nos traz índices de sua cultura, organização política e econômica, fazendo-nos acreditar que estaremos contribuindo para alicerçar outros estudos acerca desse povo e da Arqueologia Histórica.

Palavras-chave: Egito Antigo. Hieróglifos. História.

ABSTRACT

The present work has the objective of discussing Egyptian written language, which is the main guide for the knowledge about the social, political and economic quotidian of this civilization, along with its social issues that made Ancient Egypt a society characterized by a social pyramid of classes. In this way we will have as theoretical contribution of Archaeological-Historical, studies of Ernst Doblhofer (1962), Antônio Brancaglioni (2004), Jaime Pinsky (1987), Aude Gros de Beler (2016), Steven Roger Fischer (2009), Sophie Desplanques (2011), Waldomiro O. Piazza (2005) and Sergio Donadoni (1994); and for a linguistic analysis we will base ourselves on the structuralist theory of Ferdinand de Saussure (2006), and other authors who contributed to the linguistic discussions, such as Margaret Marchiori Bakos (1998), that tend to a bibliographical methodology, accessed virtually through the internet, as well as in printed and virtual works. The marks of a written language are important for the knowledge about the particularities of any people. The language used in Ancient Egypt, the core of our work, brings us indexes of its culture, political and economic organization, making us believe that we will be contributing to other studies about this people and Historical Archeology.

Keywords: Ancient Egypt. Hieroglyphs. Story.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO EGITO ANTIGO E SUAS UNIFICAÇÕES. 13	
1.1 OS PERÍODOS DIVISÓRIOS DA CRONOLOGIA FARAÔNICA EGÍPCIA .20	
1.1.1 Época Tinita ou Período Pré-dinástico (3150 a.C até 2900 a.C)	23
1.1.2 Antigo Império (2900 a.C até 2270 a.C).....	24
1.1.3 Primeiro Período Intermediário (2270 a.C até 2100 a.C).....	26
1.1.4 Médio Império (2100 a.C até 1700 a.C).....	27
1.1.5 Segundo Período Intermediário (1700 a.C até 1555 a.C).....	28
1.1.6 Novo Império (1555 a.C até 1090 a.C).....	29
1.1.7 Terceiro Período Intermediário (1090 a.C até 712 a.C).....	31
1.1.8 Época Baixa (712 a.C até 332 a.C).....	32
1.1.9 O Egito Grego (332 a.C até -30 a.C).....	32
1.1.10 O Egito Romano (30 a.C até 638 d.C).....	33
1.2 A RELIGIÃO COMO UM NORTEADOR: DIVISÃO SOCIAL DE CLASSES E O PAPEL DO HOMEM EGÍPCIO.	33
1.2.1 Faraós	35
1.2.2 Sacerdotes	38
1.2.3 Nobres e Funcionários	40
1.2.4 Escribas.....	41
1.2.5 Soldados.....	43
1.2.6 Artesãos.....	45
1.2.7 Camponeses	46
1.2.8 Escravos.....	49
2 A ESCRITA, A ORALIDADE E A EVOLUÇÃO DO HOMEM.	51
2.1 A FUNÇÃO PRIMÁRIA DO APARELHO FONADOR	52
2.2 LINGUAGEM ESCRITA.....	54
2.3 LÍNGUA E LINGUAGEM	56
2.4 A LINGUAGEM ESCRITA EGÍPCIA.....	62
2.4.1 O mistério da pedra de Roseta: os decifradores da escrita egípcia. .	64
2.4.2 A magia acerca da escrita egípcia.....	69
2.4.3 Os elementos da escrita hieroglífica	71
3 METODOLOGIA	82
TESSITURA FINAL SOBRE A LINGUAGEM ESCRITA EGÍPCIA.	84
REFERÊNCIAS.....	84

INTRODUÇÃO

A arqueologia é uma ciência que estuda o passado do homem e das civilizações, através de vestígios materiais ou imateriais. Ela abrange várias áreas de pesquisa como: a arqueologia histórica, a arqueologia de contrato e a etnoarqueologia. Como todas as outras, antes de se estabelecer como ciência, ela era uma disciplina de uma outra ciência já firmada, neste caso a antropologia. A partir da curiosidade dos primeiros arqueólogos que viajaram pelo mundo, em seu ano sabático, que muitas ruínas de civilizações e cidades perdidas foram descobertas, e foram esses achados que contribuíram para a formação da ciência arqueológica. A descoberta e decifração da pedra de Roseta, em 1822, por Jean-François de Champollion, e a descoberta do túmulo de Tutancâmon, por Howard Carter, que deram o impulso que a arqueologia precisava.

Os estudos acerca do Egito Antigo foram percutores para a estruturação da arqueologia como ciência, e é isto que torna a egiptologia (ciência dedicada apenas para o estudo da civilização) tão importante. É através da linguagem egípcia que possuímos conhecimento acerca de sua cronologia histórica de sua divisão social de classes, mas por ser uma língua morta, apesar de ter variações ainda hoje utilizadas na família linguística atualmente denominada “afro-asiática” que integra o egípcio antigo o “berbere” e o “cuchita”, que temos na linguagem escrita a base para o estudo do desenvolvimento dessa civilização.

A escrita é uma tecnologia derivada de um grupo de técnicas inventadas pelo homem para interagir com as estruturas de uma determinada sociedade. É um conjunto de signos que tem como finalidade colocar em uma superfície aquilo que é falado pelo homem.

A linguagem escrita surgiu na civilização egípcia em um período de grandes mudanças sociais e políticas, e, foi graças à tradução dessa escrita por Jean-François de Champollion, em 1822, que, hoje possuímos o conhecimento das particularidades desse povo. Partindo do princípio estruturalista, dos Ferdinand de Saussure até o estudo da história das línguas, podemos nos indagar: Como

foi estabelecida a formação do Egito Antigo e a sua unificação? Como se dá a divisão cronológica egípcia? Como foi estabelecida a pirâmide social egípcia? Qual o papel da linguagem egípcia para o conhecimento acerca dessa civilização?

A civilização egípcia foi uma das primeiras a se utilizar da linguagem escrita para documentar textos religiosos, planos comerciais, textos para ensino, dentre outros.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho é dissertar sobre a linguagem escrita egípcia, que é o principal norteador para o conhecimento sobre o cotidiano social, político e econômico dessa civilização, junto às suas questões sociais que fizeram do Egito Antigo uma sociedade caracterizada por uma pirâmide social de classes.

Para a execução deste trabalho teremos como base norteadora, de cunho Arqueológico-Histórico, os estudos de Ernst Doblhofer (1962), Antônio Brancaglione (2004), Jaime Pinsky (1987), Aude Gros de Beler (2016), Steven Roger Fischer (2009), Sophie Desplanques (2011), Waldomiro O. Piazza (2005) e Sergio Donadoni (1994); e para uma análise linguística nos basearemos na teoria estruturalista de Ferdinand de Saussure (2006), e outros autores que contribuíram para as discussões linguísticas, como Margaret Marchiori Bakos (1998).

Considerando que este estudo será construído a partir de um aporte teórico bibliográfico, caracteriza-se, então, metodologicamente, como uma pesquisa de cunho bibliográfico, pois será realizada através de consultas a obras disponibilizadas em material impresso e acessadas virtualmente através da internet.

Nossa hipótese basear-se-á na ideia de que a linguagem escrita é bastante relevante para os conhecimentos acerca da civilização egípcia antiga, pois

pensamos que a linguagem escrita pode ter sido um facilitador do controle do processo econômico, que era regido por um escriba, personagem que pode nos proporcionar uma ampla visão das questões sociais que existiram no Egito.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: na seção 1, tratamos da formação e unificação do Egito Antigo e sua divisão cronológica, além de falarmos sobre o papel do homem egípcio e a influência da religião no cotidiano social e político da civilização; na seção 2, tratamos do desenvolvimento dos órgãos fonadores do homem para chegar ao estágio da fala, apresentando os conceitos de oralidade, escrita, língua e linguagem, para assim introduzirmos a escrita egípcia e os seus elementos; na seção 3, tratamos sobre a metodologia que será utilizada para a composição do trabalho; Por fim, teremos as considerações finais acerca do referido tema.

As marcas de uma linguagem escrita são importantes para os conhecimentos acerca das particularidades de quaisquer povos, pois ela registra e “guarda”, aquilo que não é possível com linguagem oral. A linguagem utilizada no Egito Antigo, cerne do nosso trabalho, nos traz índices de sua cultura, organização política e econômica, fazendo-nos acreditar que estaremos contribuindo para alicerçar outros estudos acerca desse povo e da Arqueologia Histórica. É por isso que os estudos arqueológicos, não só referentes a vestígios materiais, como líticos, cerâmica, ou pedras preciosas, ou imateriais, como: a fala, a música, ou a dança, mas também os estudos sobre a linguagem das civilizações, principalmente a linguagem escrita de línguas consideradas “mortas”, são a porta para o conhecimento das particularidades desses povos.

1 O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO EGITO ANTIGO E SUAS UNIFICAÇÕES.

Na trajetória histórica do Egito Antigo, vemos que o Rio Nilo foi de fundamental importância para o desenvolvimento dessa civilização. Bakr (2010), aponta que os primeiros povoamentos do vale do Nilo aconteceram no início do período Neolítico (por volta de -7000), onde os egípcios desenvolveram a agricultura e a domesticação de animais, enquanto aperfeiçoavam seus instrumentos e armas em pedra e adotaram/inventaram a cerâmica

Estes povos se estabeleceram as margens do Rio Nilo, constituindo ali o seu lar permanente, formando, assim, as primeiras aldeias, conhecidas como *nomos*, desenvolvendo a cerâmica e a cestaria, além de uma forte cultura agrícola, a pesca e a domesticação de animais (BRANCAGLION, 2004).

Segundo Faria, Marques, & Berutti (1998):

[...] Do ponto de vista político, os nomos eram independentes, governados pelos nomarcas, líderes regionais responsáveis pelas questões militares, jurídicas e executivas. Apesar de serem unidades políticas independentes, os nomos se uniam nos momentos em que haviam a necessidade de uma obra de maior porte, como, por exemplo, a construção de um canal de irrigação (p. 62).

O rio ofereceu excelentes condições para o desenvolvimento do Egito, como a fertilidade da terra e a água potável para consumo. Com o fim dos períodos de cheia o rio deixava um grande depósito de lodo fértil em suas margens, este que foi aproveitado de forma sábia.

Para tanto, as modificações climáticas influenciaram os egípcios a organizar o seu calendário de acordo com as mudanças hidráulicas do rio. “O ano no Egito era dividido em três estações: a inundação (Akhet), o “inverno” (Péret) e o “verão” (Chemu)” (DESPLANCQUES, 2011, p. 7).

O *akhet* acontecia de junho a outubro, era o período de inundação, onde o Nilo transformava o solo em f ertil para cultivo; o *peret* acontecia de novembro a fevereiro, onde os egípcios semeavam a terra; e o *shemu* acontecia de março a junho, onde aconteciam as colheitas (BELER, 2016).



Figura 1¹ - Ilustra o apresenta, respectivamente, o ciclo de Akhet (inunda o), peret (semeadura) e shemu (colheita).

Porém, aconteceram situa es adversas no que diz respeito às forças da natureza, existiam dois perigos que cercavam a agricultura das margens do rio Nilo: um, quando as cheias eram acima do esperado, e o outro quando ocorriam longos períodos de seca.

Sobre às inunda es do rio Nilo, Pinsky (1987) diz que:

[...] O rio, em si, [...] ao mesmo tempo que fertilizava, inundava. A cheia atingia de forma violenta as regiões mais ribeirinhas e parcamente as mais distantes. Era necessário organizar a distribui o da água de forma mais ampla, para se poderem evitar alagados ou pântanos em algumas áreas e terrenos secos em outras [...] (p. 67).

Sem o rio Nilo não existiria a civiliza o egípcia, mas esta só pode se desenvolver quando o homem tomou a frente as mudanças de seu modo de vida.

¹ Fonte: BELER (2016, p. 9).

De acordo com Jaime Pinsky (1987):

A civilização egípcia começou a ser montada com o trabalho organizado, a partir de condições geográficas favoráveis. Mas a civilização não é uma dádiva destas condições geográficas favoráveis do Nilo uma vez que surge quando o homem atua, modificando e domando a natureza (p. 67).

Com o tempo os egípcios aprenderam a como manusear as águas do rio ao seu favor, desenvolvendo sistemas de drenagem e de irrigação para, assim, levar água até as regiões mais secas e poder cultivar durante todo o ano.

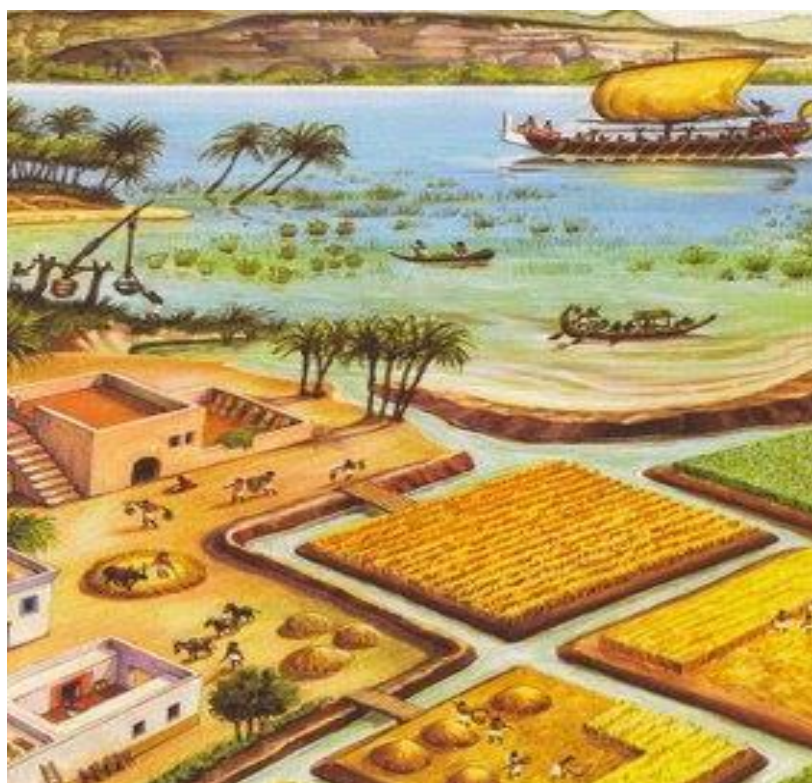


Figura 2² - Ilustração mostra um sistema de irrigação as margens do Rio Nilo.

Com o desenvolvimento da agricultura a civilização egípcia se modificou e evoluiu. Através de inúmeros conflitos os *nomos* constituíram dois reinos em regiões diferentes do rio Nilo: o Baixo Egito, situado no Delta do Nilo, cuja capital

² Fonte: Teia dos fatos. Disponível em: < <http://teiadofatos.blogspot.com/2012/02/egito-antigo-dadiva-do-nilo.html>>. Acesso em 27/11/2018.

era Mênfis; e o Alto Egito, situado no Vale do rio Nilo, com a capital em Tebas (PIAZZA, 2005).

O Baixo Egito, também conhecido como terras do norte, formava uma espécie de triângulo e possuía abundância de água e uma faixa de terras pantanosas, perfeitas para cultivo (DESPLANCQUES, 2011).

Nesta região o rio se divide em vários braços, dos arredores da cidade de Mênfis até desaguar no Mar Mediterrâneo. Por estes motivos, o delta do Nilo, foi considerado uma terra rica e bastante povoada (PINSKY, 1987).

O Alto Egito, ou terras do sul, pode ser visto como o berço da civilização egípcia. Ele era composto, em sua parte sul, por uma grande formação de arenito (onde o rio era mais estreito) e, em sua parte norte, por uma formação de calcário (onde o rio era mais largo) (DESPLANCQUES, 2011).

Os moradores do vale do Nilo, dependiam essencialmente do rio para se comunicar entre as aldeias, pois esta era uma terra bastante seca e isolada (PINSKY, 1987).

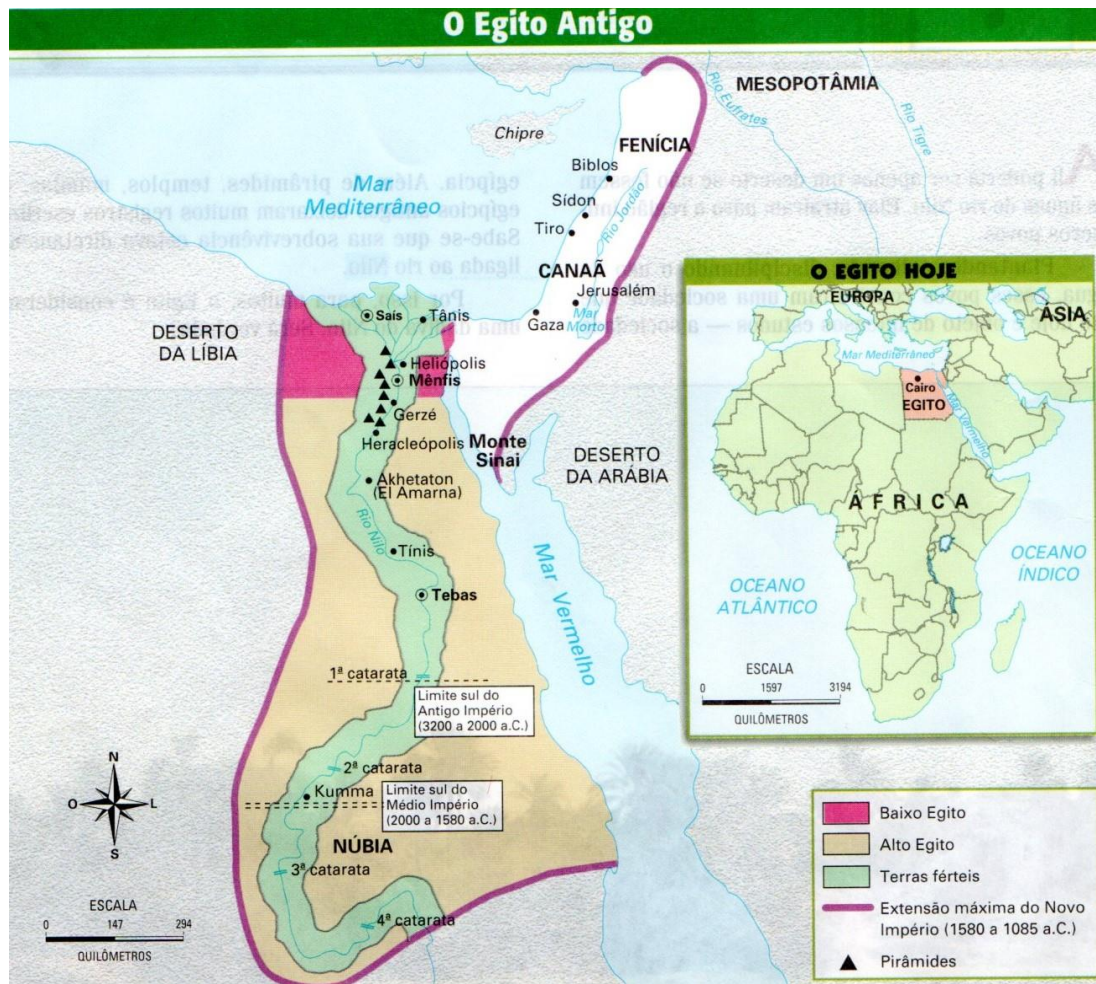


Figura 3³ - Mapa do Egito antigo e atual, mostrando onde se localizavam os dois reinos e sua posição geográfica.

Ocorreram quatro processos unificatórios no Alto e Baixo Egito. Estes processos estão divididos, dentro da cronologia egípcia, entre o médio, novo e antigo império e entre as mudanças deles para os períodos intermediários.

Foi por volta de 3.100 a.C. que ocorreu a primeira unificação do Alto e Baixo Egito sob a autoridade de um rei único, tornando-se um só reino. Mas, antes dessa unificação, ocorreram eventos que permitiram essa referida consolidação. Primeiro ocorreu a revolução agrícola (+ ou - 5000 - 4000 a.C.); depois houve a consolidação das chefias dirigentes e da divisão social do trabalho (+ ou - 4000 - 3500 a.C.), (DOBERSTEIN, 2010).

³ Fonte: PILETTI & PILETTI, (2001, p. 56).

A primeira unificação é originada do período pré-dinástico, e é atribuída a um indivíduo chamado *Narmer*, que era príncipe da cidade de *Tinis*, no Alto Egito, e que conquistou as terras do norte. Inicialmente disposto como membro da Dinastia 0 (zero), hoje é visto como o segundo faraó da primeira dinastia, conhecido como o herdeiro dos deuses (PIAZZA, 2005).

Sobre os primeiros processos de unificação, Brancaglion (2004), diz que:

Durante as duas primeiras dinastias, o Egito consolidou a sua unificação utilizando-se da escrita como uma forma de controle da economia e da sociedade. Foi a época da consolidação de grandes centros religiosos, como Hieracômpolis, e da capital do Egito unificado, Mênfis (p. 10).

Os primeiros faraós que unificaram as terras egípcias adotaram um conjunto de símbolos e uma única coroa que unia as antigas utilizadas pelos reinos do Baixo e do Alto Egito, formando, assim, o emblema *pschent*⁴.

Sobre as coroas e símbolos adotados pelos dois reinos durante a divisão política traçada com início da civilização Egípcia, Piazza (2005), diz que:

Para o Baixo Egito: uma coroa em forma de coifa baixa. De cor vermelha, e os símbolos do papiro, da serpente e do falcão. Para o Alto Egito: uma coroa em forma de mitra alta, de cor branca, tendo como símbolos a flor de lótus, a abelha e o caniço (p. 68).



Figura 4⁵

⁴ O emblema *pschent*, tinha o papel de expressar o poder que o faraó possuía, o nome do emblema deriva das palavras *pa* – artigo masculino e *Sekhemty* – sinal de poder. (PIAZZA, 2005, p.68).

⁵ Fonte: PILETTI & PILETTI, (2001, p. 58).

Na figura 4, podemos observar que da esquerda para a direita estão: a coroa branca que era utilizada pelos faraós do Alto Egito, em seguida a coroa vermelha utilizada no Baixo Egito. Em seguida, a coroa do Egito unificado, branca e vermelha, que unia as coroas do alto e baixo Egito. No comando das tropas, em períodos de guerra, o faraó utilizava a coroa era azul.

Estes governantes, adotaram como emblemas: o cetro (*usheh*), que representa o símbolo do poder das forças criadoras; e o açoite de três correias, que tinha como papel afastar as forças maléficas.



Figura 5⁶

Na figura 5, estão representados o cetro, que é um pequeno bastão com uma das extremidades curvadas, formando um gancho (esquerda) e o açoite de três correias (direita), ambos são símbolo do poder faraônico.

Foram ainda adotados: o escaravelho (*kopri*), símbolo do deus Rá, este que era o principal deus, representado pelo sol; e a cruz anelada (*ankh*), que é conhecido como o símbolo da vida.

⁶ Fonte: Fascínio Egípcio. Disponível em: <<https://www.fascinioegito.sh06.com/faraveste.htm>>. 30/10/2018.



Figura 6⁷ - O escaravelho (esquerda) e a cruz anelada (direita).

A segunda unificação se deu com o fim do primeiro período intermediário e o início do Médio Império em que os príncipes de Tebas substituem o sistema feudal e promovem a justiça (PIAZZA, 2005).

A terceira unificação aconteceu no início do Novo Império, quando os príncipes de Tebas expulsaram os Hicsos e reconquistaram a soberania do país, eles reconstruíram o Egito, levando-o ao seu ápice (PIAZZA, *ibidem*).

A quarta e última unificação se deu na XXVI dinastia, em um período conhecido como Época Baixa, quando o Faraó *Psamético I* retoma o alto Egito. Este foi o período de decadência da civilização egípcia, que ficou marcada pela invasão de vários povos, como: os persas, gregos e romanos (PIAZZA, *ibidem*).

Estas unificações mostraram ser de fundamental importância para as mudanças que ocorreram no cenário político, religioso e social da civilização egípcia antiga.

1.1 OS PERÍODOS DIVISÓRIOS DA CRONOLOGIA FARAÔNICA EGÍPCIA

Por uma questão de conveniência, a História egípcia foi dividida em dinastias, as quais foram identificados os faraós que lhe pertenciam e sua ordem

⁷Fonte: Dicionário de Símbolos. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/simbolos-egipcios/>>. Acesso em: 30/10/2018.

cronológica, onde foram colocadas dentro de três blocos, chamados de antigo, médio e novo império. Entre estes três blocos de tempo estavam os períodos intermediários, que são marcados pelo enfraquecimento do poder faraônico.

Ao final do último período intermediário, foram incluídos os períodos em que o Egito foi dominado por diferentes povos, estes períodos são: à Época Baixa, o Domínio Grego e o Domínio Romano, que marcaram o declínio do Egito Antigo e o fim da civilização.

Sobre a unificação do Egito e os primeiros períodos dinásticos, Desplancques, (2011), aponta que:

O Egito Antigo conhece três grandes fases históricas: a pré-dinástica, a época faraônica e o período greco-romano. O início e o fim da época faraônica se inscrevem em contextos particulares. A época tinita é marcada pela criação dos principais elementos que vão caracterizar o Egito durante mais de três milênios. A sociedade da Baixa Época, fortemente marcada por influências estrangeiras, enquadra-se num contexto de profunda mudança das mentalidades e valores egípcios. A civilização egípcia se desenvolve sob três grandes impérios: o Antigo Império, o Médio Império e o Novo Império. Cada época de final de império desembocou em períodos de perturbações, qualificados de Períodos Intermediários. Estes se caracterizam principalmente pelo rompimento da unidade política e territorial do Egito após um decréscimo da autoridade do poder real. Esse poder enfraquecido pode então ser substituído, conforme os períodos considerados, por dinastias locais que partilham o poder ou por dinastias estrangeiras (p. 7).

Esta cronologia, correspondente ao reinado dos antigos faraós, tal como conhecemos hoje, é fruto do trabalho de escribas, sacerdotes e funcionários reais, estes que organizaram textos, para desenvolver uma lista que obtivesse os grandes feitos dos faraós que governaram as terras do Egito para, assim, eternizar os seus nomes. Esse trabalho foi possível graças aos documentos que eram guardados, pelos sacerdotes e funcionários reais, nos templos e nos arquivos do palácio. A 'pedra de palermo' e o 'Papiro Real de Turim', são dois dos documentos que apresentam essa cronologia faraônica do Egito (MOKHTAR, 2010).

A Pedra de Palermo é uma placa de diorito gravada nas duas faces, composta pelos nomes de todos os faraós que comandaram o Egito desde o começo da V dinastia. A partir da III dinastia, esta placa apresenta não só os nomes dos faraós em sua ordem de sucessão, mas também engloba os principais eventos ocorridos em cada reinado ano a ano (MOKHTAR, 2010).



Figura 7⁸ - Pedra de Palermo.

O Papiro de Turim consiste em uma lista de governantes, com seus protocolos completos e o número de anos, meses e dias de seus reinados, em ordem cronológica. Fornece uma lista completa de todos os faraós, desde os primeiros tempos até aproximadamente -1200 (MOKHTAR, 2010).

⁸ Fonte: MOKHTAR, (2010, p. XLI).



Figura 8⁹ - Papiro de Turim.

Graças a esses dois documentos tem-se a lista de faraós que governaram o Egito durante 3000 anos de civilização. Infelizmente estes são os únicos documentos que atravessaram o tempo e chegaram até nós, mas eles estão incompletos. Para chegar a uma ideia concreta sobre essa cronologia, é necessário que estes documentos sejam estudados junto com as inscrições que se encontram em monumentos e túmulos.

1.1.1 Época Tinita ou Período Pré-dinástico (3150 a.C até 2900 a.C)

Este período é chamado de Época Tinita ou Período Pré-dinástico, pois parece ter sido estabelecido pelos príncipes de *Tinis*, cidade localizada no Alto Egito. Neste período o alto e o baixo Egito foram unificados e foi estabelecida a autoridade de um único governante, o faraó, ele era considerado uma encarnação do deus Hórus na Terra, mas também, passou a ser chamado de "Filho de Rá", o deus sol, o único proprietário das terras e das riquezas do país.

Os dois principais faraós das dinastias que compõem esse período são: Narmer, que foi o responsável pela unificação do alto e baixo Egito, e; Menés, este é visto como um faraó lendário, pois em seu reinado houve consolidação da escrita

⁹ Fonte: MOKHTAR, (2010, p. XLII).

hieroglífica, o início das grandes construções, a utilização da técnica de relevo em superfícies rochosas e o manuseio de metais (PIAZZA, 2005).

❖ I. ^a Dinastia	❖ II. ^a Dinastia
<ul style="list-style-type: none"> • Menés; • Narmer; • Atótis; • Quenquenes (provavelmente Zer e Zet); • Usafais (Vedimu); • Miébis (Anez-Jeb); • Semempses (Semerchet); • Bieneches (Caj-a). 	<ul style="list-style-type: none"> • Hetep-sechemui; • Nebre; • Neterimu (Binótris); • Sechem-jeb (TIás); • Perj-ibsen; • Sendi (Setenes); • Ca'sechem; • Ca'sechemui.

Tabela 1¹⁰ - Faraós da I^a e II^a Dinastia

O fim da época tinita marca o início do antigo império e a consolidação do poder faraônico, onde surgem as novas necrópoles egípcias (as pirâmides). É um período de grande prosperidade e avanço no Egito.

1.1.2 Antigo Império (2900 a.C até 2270 a.C)

Este período é conhecido como a idade do ouro do Egito Antigo, pois, foi nele em que foi construída a primeira pirâmide egípcia, feita pelo conselheiro real *Imhotep*, para o faraó *Djoser*, da III Dinastia, em *Saqqara*. A pirâmide foi primeiro monumento do mundo a utilizar a rocha como material de construção. Imhotep, que era médico, arquiteto, conselheiro, dentre outras funções, se preocupou em construir um túmulo digno da grandeza do faraó Djoser (PIAZZA, 2005).

¹⁰ Segundo os estudos de Ceram (1960, p. 374/375) e Beler (2016, p. 5), assim que se estabelece o mapa cronológico faraônico egípcio.



Figura 9¹¹ – Pirâmide escalonada do faraó Djoser.

A IV dinastia foi um período de grande prosperidade no Egito, onde foram construídas as três grandes pirâmides de *Queops*, *Quefren* e *Miquerinos* (PIAZZA, ibidem).



Figura 10¹² – Queops, Quefren e Miquerinos.

Na V dinastia, os faraós se fizeram chamar de “filhos de Rá”, estes oriundos de Heliópolis, promoveram a assimilação de Rá com os deuses da região de Mênfis: Atum e Hórus. A maior parte dos faraós do Antigo Império, estabeleceu em Mênfis sua capital (PIAZZA, ibidem).

¹¹ Fonte: Guardian's Saqqara. Disponível em: <<http://guardians.net/egypt/cyberjourney/saqqara/step1.htm>>. Acesso em: 30/11/2018

¹² Fonte: Instituto de Engenharia. Disponível em: <<https://www.institutodeengenharia.org.br/site/2018/07/04/como-foram-construidas-as-piramides-do-egito/>>. Acesso em: 30/11/2018.

❖ III. ^a Dinastia	❖ IV. ^a Dinastia	❖ V. ^a Dinastia	❖ VI. ^a Dinastia
<ul style="list-style-type: none"> • Djoser; • Ca'ba; • Senecht; • Neferquere; • Huni. 	<ul style="list-style-type: none"> • Esnofru; • Quéops; • Dedefre; • Quéfren; • Miquerinos; • Queppesquef. 	<ul style="list-style-type: none"> • Veserquef; • Sahure; • Neferquere; • Cheppesquere; • Nefrere; • Neuserre; • Mencauor; • Zedquere; • Unas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Teti; • Veserquere; • Fíops I; • Mernere I; • Fíops II; • Mernere II; • Meteriquere (Nitócris).

Tabela 2¹³ - Faraós da III^a, IV^a, V^a E VI^a Dinastia

O antigo império teve fim com a seca que modificou as margens do rio Nilo, o que provocou a fome e o declínio do poder faraônico. Estas mudanças deram início ao período denominado intermediário.

1.1.3 Primeiro Período Intermediário (2270 a.C até 2100 a.C)

O primeiro período intermediário é marcado pela confusão deixada pelo antigo império. A causa do declínio pode ser atribuída às mudanças climáticas que trouxeram a seca e a fome, existiram neste período a perda de autoridade do faraó e a anarquia. Rapidamente o país se dividiu em principados rivais, situação que durou mais de um século (PIAZZA, 2005).

❖ VII. ^a e VIII. ^a Dinastia	❖ IX ^a e X ^a Dinastia
<ul style="list-style-type: none"> • As duas dinastias têm aproximadamente vinte faraós, estes que são pouco conhecidos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Tiveram aproximadamente doze faraós. Entre eles dois tiveram o nome de Neferquere e três o nome de Quéti.

Tabela 3¹⁴ - Faraós da VII^a, VIII^a, IX^a e X^a Dinastia

¹³ Idem, ibidem, (p.23).

¹⁴ Idem, ibidem, (p.23).

Com o fim do primeiro período intermediário e o início do médio império, aconteceu a segunda unificação do Egito, estabelecendo uma nova estabilidade política e prosperidade nas terras cultiváveis do Nilo.

1.1.4 Médio Império (2100 a.C até 1700 a.C)

No Médio Império se estabeleceu uma nova capital no Egito – Tebas -, este, também, foi um período de estabilidade política, riqueza artística e prosperidade (BRANCAGLION, 2004)

O faraó Amenemhet I, da XII dinastia, transfere a capital do Egito para Mênfis e promove o culto a Amom. Novas terras foram atribuídas ao Egito. Ao sul, a Baixa Núbia foi anexada e, ao norte, uma parte da Palestina foi ocupada por meio de conflitos militares (PIAZZA, 2005).

Apesar do médio império também ser glorioso, o Egito não voltou a se reerguer completamente, e assim o período anarquista retorna.

❖ XI.ª Dinastia

- Esta dinastia teve aproximadamente doze faraós, entre eles está Mentuhopte, que é considerado o fundador do médio império.

❖ XII.ª Dinastia

- Amenemhet I (2000 até 1970 a.C);
- Sesóstris I (1980 até 1935 a.C);
- Amenemhet II (1938 até 1903 a.C);
- Sesóstris II (1906 até 1887 a.C);
- Sesóstris III (1887 até 1849 a.C);
- Amenemhet III (1849 até 1801 a.C);
- Amenemhet IV (1801 até 1792 a.C);
- Sebecnefrure (1792 até 1788 a.C).

❖ **XIII.^a Dinastia**

- A décima terceira dinastia teve muitos faraós, entre eles, diversos tiveram os nomes: Amenemhet; Sesóstris; Sebecotpe; Neferhotpe, e; Mentuhotpe. Também é vista como um período obscuro.

Tabela 4¹⁵ - Faraós da XI^a, XII^a, e XIII^a Dinastia

O Médio Império terminou com o relativo declínio do poder faraônico e uma nova divisão do país.

1.1.5 Segundo Período Intermediário (1700 a.C até 1555 a.C)

O Segundo Período Intermediário é marcado pelo enfraquecimento do poder do faraó, o que permitiu a instalação, no Baixo Egito, dos *Hicsos*, povos vindos da Ásia, que lentamente se infiltraram no Delta do rio Nilo. Os Hicsos estabeleceram sua capital em *Avaris*, no Delta oriental, criando as XV e XVI Dinastias (PIAZZA, 2005).

Os Hicsos introduziram no Egito, os carros de combate e as armas de guerra forjadas do ferro e melhoraram o sistema de irrigação (Idem, ibidem).

❖ **XIV.^a Dinastia**

- Pouco se sabe acerca da XIV Dinastia, apenas que foi governada por altos funcionários que se auto intitulavam faraós. Houve ao todo trinta faraós.

❖ **XV.^a e XVI.^a Dinastia**

- Houve aproximadamente trinta e cinco faraós pouco conhecidos. Foi durante a décima quinta e décima sexta dinastias que o domínio dos Hicsos ficou marcado.

¹⁵ Idem, ibidem, (p.23).

❖ **XVII.^a Dinastia**

- Nesta dinastia houve mais de trinta faraós, pouco conhecidos.

Tabela 5¹⁶ - Faraós da XIV^a, XV^a, XVI^a, e XVII^a Dinastia

O segundo período intermediário teve fim com a expulsão dos *Hicsos* e com a terceira unificação do Egito, onde o país foi reconstruído e levado ao seu apogeu.

1.1.6 Novo Império (1555 a.C até 1090 a.C)

Os príncipes de Tebas expulsaram os Hicsos e reconstruíram o Egito, levando-o ao seu apogeu. Tebas voltou a ser a capital e, uma grande atividade arquitetônica teve início.

As riquezas do Mediterrâneo oriental foram introduzidas no Egito, através de novas campanhas militares e do comércio. Estes estrangeiros que entraram no país como comerciantes e soldados, introduziram suas crenças e influenciaram a arte (PIAZZA, 2005).

Durante a XVIII Dinastia, o faraó Amenófis IV modificou radicalmente o pensamento político e religioso Egípcio, pois promoveu o culto a um único deus, Aton – o disco solar –, fundou uma nova capital, *Amarna* e modificou o seu nome para Akhenaton. Essas mudanças, que parecem ter sido uma primeira tentativa de implantação de uma religião monoteísta no Egito, não sobreviveram após a morte de Amenófis IV e, a capital do Egito voltou a ser Tebas (Idem, ibidem).

O grande faraó do Novo Império foi Ramsés II, da XIX Dinastia, que deu fim à guerra contra os Hititas, por meio do primeiro tratado internacional firmado. Este ficou conhecido por seus grandes feitos arquitetônicos (BRANCAGLION, 2004).

Os faraós nomeados Ramsés que viveram entre as dinastias XIX e XX, são bastante aclamados por seus feitos no Egito, e acredita-se que um deles é citado

¹⁶ Idem, ibidem, (p.23).

no Livro do Êxodo, onde este teria evitado que os ‘Povos do Mar’, filisteus e líbios, invadissem o Delta do Egito (PIAZZA, 2005).

❖ XVIII.^a Dinastia (aprox. 1555 até 1335 a.C)	
• Amosis (1580 até 1558 a.C) – seu reinado se iniciou ainda na décima sétima dinastia;	
• Amenófis I	} (aprox. 1557 até 1505 a.C)
• Tutmés I	
• Tutmés II	
• Hatchepsut	} (aprox. 1504 até 1450 a.C)
• Tutmés III	
• Amenófis II	} (aprox. 1450 até 1405 a.C)
• Tutmosis IV	
• Amenófis III (aprox. 1405 até 1370 a.C)	
• Amenófis IV (Akhenaton) (aprox. 1370 até 1352 a.C)	
• Saquere	} (aprox. 1370 até 1335 a.C)
• Tutancâmon	
• Eie	
❖ XIX.^a Dinastia (aprox. 1335 até 1205 a.C)	
• Haremheb (aprox. 1335 até 1310 a.C)	
• Ramsés I (aprox. 1309 a.C)	
• Seti I (aprox. 1308 até 1298 a.C)	
• Ramsés II (aprox. 1298 até 1232 a.C)	
• Menefta	} (aprox. 1232 até 1205 a.C)
• Amenmeses	
• Siptá	
• Seti II	
❖ XX.^a Dinastia (aprox. 1200 até 1090 a.C)	
• Nachset (aprox. 1200 a.C)	
• Ramsés III (aprox. 1200 até 1168 a.C)	
• Ramsés IV até Ramsés XI (aprox. 1168 até 1090 a.C)	

Tabela 6¹⁷ - Faraós da XVIII^a, XIX^a, e XX^a Dinastia

Progressivamente, o Egito perdia a sua influência no Oriente Próximo e os faraós enfrentavam os sacerdotes do templo de Amon na disputa pelo poder.

¹⁷ Idem, ibidem, (p.23).

1.1.7 Terceiro Período Intermediário (1090 a.C até 712 a.C)

Neste período o Egito enfrenta conflitos internos e conflitos de poder, onde uma crise econômica e a fragilidade política conduziram a uma divisão do poder entre os grandes sacerdotes de Amon, em Tebas, assim, o enfraquecimento deixou margem para invasões estrangeiras (PIAZZA, 2005).

<p>❖ XXI.^a Dinastia (aprox. 1090 até 945 a.C)</p> <ul style="list-style-type: none">• Esmendes } (aprox. 1090 até 1085 a.C)• Rihor } (aprox. 1090 até 1085 a.C)• Psusenes I (aprox. 1085 até 1067 a.C)• Painozem I (aprox. 1067 até 1026 a.C)• Amenemepet (aprox. 1026 até 976 a.C)• Siámon (aprox. 976 até 958 a.C)• Psusenes II (aprox. 958 até 945 a.C)
<p>❖ XXII.^a Dinastia (aprox. 945 até 745 a.C)</p> <ul style="list-style-type: none">• Chochenque I (aprox. 945 até 924 a.C)• Osórkon I (aprox. 924 até 895 a.C)• Takelótis I (aprox. 895 até 874 a.C)• Chochenque II } (aprox. 874 até 853 a.C)• Osórkon II } (aprox. 874 até 853 a.C)• Takelótis II (aprox. 853 até 834 a.C)• Chochenque III (aprox. 834 até 784 a.C)• Pemu (aprox. 784 até 782 a.C)• Chochenque IV (aprox. 782 até 745 a.C)
<p>❖ XXIII.^a Dinastia (aprox. 745 até 718 a.C)</p> <ul style="list-style-type: none">• Petobástis (aprox. 745 até 721 a.C)• Osórkon III } (aprox. 721 até 718 a.C)• Takelótis III } (aprox. 721 até 718 a.C)
<p>❖ XXIV.^a Dinastia (aprox. 718 até 712 a.C)</p> <ul style="list-style-type: none">• Boquechóris (aprox. 718 até 712 a.C)

Tabela 7¹⁸ - Faraós da XXI^a, XII^a, XXIII e XXIV^a Dinastia

¹⁸ Idem, ibidem, (p.23).

Com as invasões estrangeiras, o terceiro período intermediário teve fim com o que é considerado o início do declínio da sociedade egípcia (à Época Baixa).

1.1.8 Época Baixa (712 a.C até 332 a.C)

Conhecido como últimos tempos de independência, este período caracteriza-se pelo lento declínio da civilização egípcia e pela nostalgia do passado. Neste período também acontece o domínio dos assírios sobre o Egito.

❖ XXV.^a Dinastia (aprox. 712 até 670 a.C) <ul style="list-style-type: none">• Chabaka (aprox. 712 até 700 a.C)• Chabataka (aprox. 700 até 688 a.C)• Taarca (aprox. 688 até 670 a.C)
❖ Domínio dos assírios (670 até 663 a.C)
❖ XXVI.^a Dinastia (aprox. 663 até 625 a.C) <ul style="list-style-type: none">• Psamético I (aprox. 663 até 609 a.C)• Necaú (aprox. 609 até 593 a.C)• Psamético II (aprox. 593 até 588 a.C)• Apries (Hofra) (aprox. 588 até 569 a.C)• Amásis ou Amés (aprox. 569 até 525 a.C)• Psamético III (aprox. 525 a.C)
❖ Domínio Persa (525 a.C até 332 a.C)

Tabela 8¹⁹ - Faraós da XXV^a e XXVI^a Dinastia, e datas que correspondem o domínio assírio e persa no Egito

1.1.9 O Egito Grego (332 a.C até -30 a.C)

Em 332, Alexandre (o Grande), conquistou o Egito e se tornou seu rei, construindo a cidade de Alexandria, tornando-a sua capital. Após o reinado de Alexandre houveram outros quatorze reis Ptolomeus e uma rainha nomeada Cleópatra (BELER, 2016).

¹⁹ Idem, ibidem, (p.23).

1.1.10 O Egito Romano (30 a.C até 638 d.C)

O Egito saiu do domínio grego para o romano de forma quase imperceptível, pois durante muito tempo, Alexandria e Roma, mantiveram boas relações.

Sobre estas relações, Donadoni, (2010), diz que:

Durante muito tempo as relações entre Alexandria e Roma foram marcadas por uma cordialidade que remonta à época de Ptolomeu Filadelfo, o primeiro da dinastia a assinar um tratado de amizade e a enviar uma embaixada a Roma (-273). Meio século depois, Ptolomeu Filopator reiteraria essa cordialidade para com Roma durante a guerra com Aníbal (-218 a -201); em retribuição, Roma poria a salvo a independência do Egito quando da invasão de Antíoco III em -168. No entanto, ao assumir esse comportamento, a República colocava -se em condições – e adotava o hábito – de controlar os assuntos egípcios, fato que se tornou flagrante nos últimos anos do reinado dos Ptolomeus (p. 191).

A rainha Cleópatra, manteve uma amizade com dois generais romanos – Júlio Cesar e, posteriormente, Marco Antônio – para conseguir que os anseios de seu reino fossem ouvidos e supridos. Mas seu apoio incondicional. declarado a Marco Antônio, a fez perder definitivamente o trono do Egito.

E, no ano de 30, os romanos, com o seu exército, invadiram o Egito e o tomaram. A rainha Cleópatra entregou o país sem muita resistência e se suicidou logo depois, deixando, assim, o Egito nas mãos de Augusto – Imperador de Roma – que transformou o que um dia foi a grande civilização egípcia em uma província (DONADONI, 1994).

1.2 A RELIGIÃO COMO UM NORTEADOR: DIVISÃO SOCIAL DE CLASSES E O PAPEL DO HOMEM EGÍPCIO.

Inicialmente com uma religião politeísta, ou seja, que acreditava em várias divindades (deuses). A sociedade egípcia teve em sua religião um norteador de todas as atividades desenvolvidas pelo seu povo.

Sobre o politeísmo, Gaarder, Hellern & Notaker (2000), apontam que:

Em religiões que possuem diversos deuses, é comum estes terem funções distintas, bem como esferas definidas de responsabilidade. A criação de animais e a pesca, o comércio e os diferentes ofícios, o amor e a guerra, podem ter seus próprios deuses. O mundo dos deuses com frequência [sic] é organizado da mesma maneira que o dos homens, numa família ou num Estado [...] Era comum as pessoas venerarem o deus que ocupava o mesmo lugar que elas na escala social [...] Além dos "deuses-reis" [...] há uma grande quantidade de deuses menores e espíritos em volta de nós que são patronos de determinadas doenças ou de certas profissões (p. 20).

A religião representou um papel tão importante para os egípcios, que esta foi influente até na forma em que eram organizadas as ações políticas, jurídicas e sociais, pois cada cidade possuía um deus ou um grupo de deuses a serem adorados, e a cada faraó que assumia o trono e estabelecia sua capital, o deus de sua cidade era adotado como o principal, o que não anulava os outros deuses. Assim, o Egito era um estado teocrático, onde as formas de governo do estado eram submetidas às normas religiosas e ao seu governante, o faraó, que comandava em nome dos deuses, pois este era visto como uma encarnação do deus vivo.

O Egito Antigo era composto por uma divisão de classes sociais, que é facilmente demonstrado através de uma pirâmide social, em que o faraó está no topo. Era o faraó a figura principal do Egito, abaixo dele estavam os diversos grupos sociais: sacerdotes, nobres, escribas, soldados, artesãos, camponeses e escravos.



Figura 11: Tabela da pirâmide social egípcia.

A pirâmide social tinha o papel de manter o equilíbrio da sociedade egípcia, onde cada um devia manter o seu papel para garantir o bom desenvolvimento.

1.2.1 Faraós



Figura 12²⁰ – Sarcófago e máscara do faraó Tutancâmon.

Eram os Faraós os detentores de todo o poder no Egito. Vistos como a encarnação do Deus vivo na terra, este faraó é legitimado por sua origem divina, e em sua honra eram realizados inúmeros cultos. Piazza (2005), afirma que:

²⁰ Fonte: Viagem no Tempo. Disponível em: <<http://viagemnotempoavvl.blogspot.com/2012/10/os-faraos-um-poder-sacralizado.html>>. Acesso em 27/11/2018

Por este esquema dinástico, vemos que o faraó (casa grande: título que indica a sua função divina, a de ser a providência do povo) desempenhou no Egito papel preponderante na evolução teológica da religião, o que se deve, não tanto à sua posição política, quanto à ligação especial que tinha com os deuses, em particular com o deus sol, em suas várias figurações: Rá, Hórus, Osíris (p. 71).

Era o faraó que tinha autoridade absoluta sobre a sociedade, e concentrava todo o poder político e espiritual. Segundo (PINSKY, 1987, p. 73) “O faraó é, além de sumo sacerdote e chefe militar, o juiz supremo, aquele que decide as petições em última instância”.

No decorrer dos tempos, o faraó era identificado por diferentes deuses: de início era Hórus, representado pela figura do falcão; depois era Hórus-Rá; e já no Novo Império, era reconhecido por Amon-Rá. Depois de morto ele transformava-se em Osíris (PINSKY, 1987, p. 70).

Era Osíris o deus egípcio mais cultuado pela população, mas era Rá, que com a tomada dos sacerdotes do templo de Amon, passou a se chamar Amon-Rá, que era o deus principal da mitologia egípcia.

Todo faraó queria ser um desses grandes deuses, pois, eles representavam o ápice do poder, e já que o seu nascimento era um milagre – com o corpo derivado de sua mãe “humana” e seu espírito (*bha*) uma intervenção direta do “deus” – este era o chefe natural do culto e o proprietário de todas as terras do Egito. O papel divino do faraó era tão importante, que, ele passava por um ritual de consagração, como afirmação de sua origem divina, logo após a coroação, este ritual dava-o o direito de portar a coroa do Egito unificado e de chefiar, os sacerdotes, no culto aos deuses.

Sobre o direito divino do faraó, Piazza (2005), aponta:

Isto dava direito ao faraó de levar, não só as coroas simbólicas dos dois reinos (Alto e Baixo Egito), mas também as insígnias de Osíris: o báculo e o açoite. Os sacerdotes, em virtude de tal

investidura divina, não passavam de acólitos do faraó no serviço do culto (P. 71).

Era papel do faraó coordenar os cultos no Egito. Sobre este papel do rei como sacerdote, Donadoni (1994) afirma:

[...] o sacerdócio era um privilégio do soberano e constituía um dos aspectos concretos da função do rei, a par do governo do Egito, ambos tão estreitamente ligados que podemos considerá-los apenas como faces da mesma medalha (p. 119).

Amon-Rá, o deus sol, é aquele que derrota o caos (Apófis), e que junto a sua barca navega sobre a terra durante o dia trazendo luz, calor e esperança, e durante a noite navega pelo *duat*, trazendo, assim um ciclo que permite o equilíbrio entre o bem e o mal, desde que, os dois, eram personagens importantes na sociedade egípcia. Para os egípcios antigos era bastante importante a figura do bem e do mal, pois para eles deveria existir um equilíbrio entre as forças.

Hórus – filho de Osíris com Isis – lutou contra seu tio, Set, e obteve a grande vitória, conseguindo, assim, se vingar da emboscada e a morte de seu pai. Durante a batalha Hórus perdeu o seu olho esquerdo (o olho lunar), mas este foi substituído por outro após seu êxito. Ao derrotar o seu tio e retomar o trono do Egito, Hórus se tornou o rei do mundo humano.

Osíris, dentre todos os deuses, foi o único que venceu a morte. E, é por isso que ele é tão cultuado pelo povo. Segundo o que consta em seu mito, Osíris, após ressuscitar, foi para o *duat* – mundo dos mortos e também dos deuses após a separação destes do convívio direto com os humanos –, onde se tornou rei do mundo dos mortos e preside o julgamento sobre as almas.

É perceptível dentro da história da civilização egípcia o quanto eles vivem para a morte e o quanto eles a temem. Se formos pensar na ótica de que o egípcio se preparava a vida inteira para o ato de morrer, o deus que deveria ter mais significância era Anúbis, desde que ele é o verdadeiro deus dos mortos, e quem

coordena a balança, onde o coração deve ser mais leve que a pena da deusa *Maat* – deusa do equilíbrio, verdade e justiça –, mas diferente disso o egípcio temia Anúbis. É por esses motivos que o Faraó, o filho do deus, se intitula como o deus vivo e é a representação dos três deuses principais, Amon-Rá, Hórus e Osíris, os dois primeiros em vida, e o terceiro por representar a vitória sobre a morte.

1.2.2 Sacerdotes

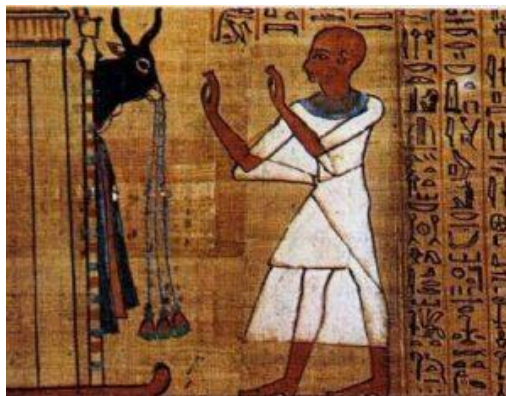


Figura 13²¹ – Sacerdotes.

Abaixo dos faraós estavam os sacerdotes, que eram os responsáveis pelos milhares de templos espalhados pelo Egito, os sacerdotes enriqueciam porque ficavam com parte das oferendas feitas aos deuses. Esses templos existiam em homenagem aos mais diferentes deuses e os sacerdotes tinham a obrigação de celebrar os cultos e as festividades direcionadas aos deuses e ao faraó. Também era papel do sacerdote executar os rituais de mumificação egípcio. O sacerdote tinha um lugar de destaque junto ao faraó, e por muitas vezes recebia funções ligadas à economia, etc. Sobre essas funções delegadas aos sacerdotes, Donadoni (1994) aponta que:

[...]O facto de o soberano delegar nos sacerdotes as suas funções culturais fazia com que os membros do clero não se distinguissem muito dos funcionários do Estado, a não ser no domínio específico das funções que exerciam: sob certos aspectos, o seu serviço também parecia um serviço civil, na

²¹ Fonte: Fincion.info. Disponível em: < <https://www.fucion.info/sacerdotes-en-el-antiguo-egipto/>>. Acesso em 27/11/2018

medida em que era exercido para o Estado e pelo Estado, em cuja estrutura os sacerdotes participavam, em última análise, como especialistas. Isso também explica o motivo porque, em dados momentos históricos, o soberano confiou ao templo importantes funções econômicas. Nesses casos, não se tratava de transferência de poderes do Estado para uma estrutura que era autônoma e se lhe contrapunha, mas de um simples facto organizativo dentro das estruturas estatais (p.119).

O sacerdote não trabalhava em prol de receber fieis no templo, pelo contrário, ele era servo do deus e era o seu dever zelar, alimentar, entreter e proteger esse deus, de modo a deixá-lo satisfeito e não alavancar a sua ira sobre o Egito trazendo pragas, etc. O templo egípcio era a casa do deus, onde cada um deles possuía o seu templo; por vezes, um mesmo deus pode ter mais que um, espalhado em diferentes partes do Egito.

Para compreender o papel dos deuses é preciso saber que a realeza egípcia se baseava em um acordo estabelecido entre os deuses e o faraó. Os deuses garantiam a paz, a prosperidade, a ordem e a harmonia; em troca, o rei lhes oferecia tudo o que eles precisavam para viver, principalmente templos magníficos e presente suntuoso (BELER, 2016, p. 18).

Por trabalhar diretamente para o “deus”, o sacerdote tinha que respeitar certas regras, dentre elas as de pureza, como: tomar banho várias vezes ao dia, estar barbeado, ser circuncidado, ter o cabelo raspado, etc. Ele era proibido de comer alguns alimentos, como: carnes de alguns animais, legumes, sal. Também deveria ser portador do conhecimento de matemática, astronomia, medicina, magia e arquitetura. Em algumas localidades os sacerdotes são colocados na categoria junto aos nobres e funcionários, pois sua função em muito se assemelha a de um funcionário real.

1.2.3 Nobres e Funcionários



Figura 14²² – Nobres Egípcios.

Na categoria dos nobres e funcionários se enquadram os donos de propriedades, os parentes do faraó, os *viziers* (pessoas ligadas diretamente ao rei), e os oficiais do exército e sua família.

Os domínios da vida econômica e social do Egito eram controlados por altos funcionários da corte, que em sua maioria eram parentes, próximos, do faraó, estes domínios demandavam uma complexa burocracia.

O principal dos administradores enquadrados nesta categoria era o "Vizir", uma espécie de primeiro ministro, organizador dos tesouros e das obras arquitetônicas do faraó, dentre os *viziers* mais influentes da história egípcia, vale destacar *Imhotep*, que foi o arquiteto e engenheiro responsável pela construção da primeira pirâmide: a escalonada de Sacara, construída para Djoser, primeiro faraó da III^a dinastia.

Sobre os feitos de Imhotep, Beler (2016), expressa:

Graças a genialidade de seu arquiteto Imhotep, os monumentos passaram a ser construídos em pedra e não em adobe (tijolo feito da mistura de terra, água e palha), e os faraós começaram a ser enterrados dentro das pirâmides, e não nas mastabas, tumbas simples em formato retangular.

²² Fonte: Descobrir Egito Viagens. Disponível em: <<https://www.descobriregipto.com/vale-dos-nobres/>>. Acesso em:30/11/2018.

Era o *Vizir* quem controlava funcionários espalhados por todo o Egito. Desta forma, o escriba cobrava o imposto e mantinha a ordem sobre aqueles que estavam abaixo dele na pirâmide social egípcia, enquanto ele era controlado pelo *Vizir*.

1.2.4 Escribas

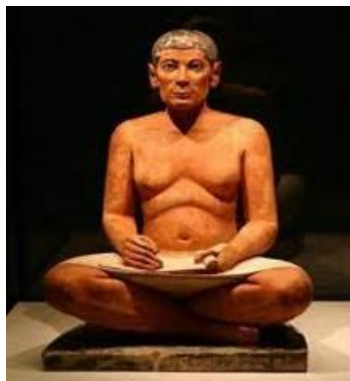


Figura 15²³ - Escultura de um escriba em posição de trabalho.

Ser escriba era ter uma posição de grande destaque no Egito antigo, eles constituíam uma classe privilegiada e poderosa. Os escribas eram os executores materiais das ordens do faraó, mantinham a ordem, cobravam impostos, escreviam leis, faziam contabilidades e informavam tudo o que estava ou não certo na sociedade, ou seja, eles registravam tudo o que acontecia.

A formação de escriba começava ainda na infância. Com cinco anos de idade as crianças eram enviadas às escolas egípcias, conhecidas como “Casas da Vida”. Ao terminar sua formação o jovem poderia ocupar diferentes cargos na sociedade, seja trabalhando na administração ou redigindo textos sagrados.

Brancaglione (2004), disserta que:

²³ Disponível em: <<http://teiadofatos.blogspot.com/2012/02/egito-antigo-dadiva-do-nilo.html>>. Acesso em 27/11/2018.

[...] Nas escolas egípcias, chamadas "Casas da Vida", os professores ensinavam o sistema hieroglífico e hierático por meio de cópias de textos mais antigos e de cálculos matemáticos que os alunos deveriam fazer. Uma vez terminada a formação, o jovem escriba poderia ocupar postos na administração das províncias ou da capital, ou tornar-se sacerdote, médico, astrónomo ou arquiteto, completando os seus estudos nas escolas dos templos (p.15).

No exercício de sua profissão, os escribas desenvolviam alguns processos para poder escrever. Sobre esses processos Beler, (2016), diz que:

Para escrever, o escriba sentava-se de pernas cruzadas e desenrolava sobre os joelhos uma folha de papiro. Depois pegava seu material de escrita, guardado num saco de pano. Para trabalhar, ele precisava de várias ferramentas: uma paleta, espécie de prancheta de madeira, marfim ou pedra, constituída por um estojo para guardar os cálamos e dois potes de tinta; um cálamo, haste de junco com a ponta talhada para servir de pincel; um copo com água para molhar o cálamo; um raspador para apagar; e um corta papiro para cortar o papiro no lugar certo depois de escrito o texto (p. 21).

Tendo *Toth*, o deus de *Hermópolis*, inventor da escrita e dos cálculos, como patrono, os escribas faziam parte de uma mesma irmandade, onde o seu papel de destaque perante a sociedade era assegurado pela dependência que está tinha dos seus serviços, pois acredita-se que o percentual de pessoas letradas no Egito Antigo não chegava a 1% da população, nem mesmo os altos funcionários, como os *viziers*, sabiam ler e escrever com fluência, assim ficava nas mãos do escriba controlar o quantitativo de soldados que compunham o exército egípcio.

1.2.5 Soldados

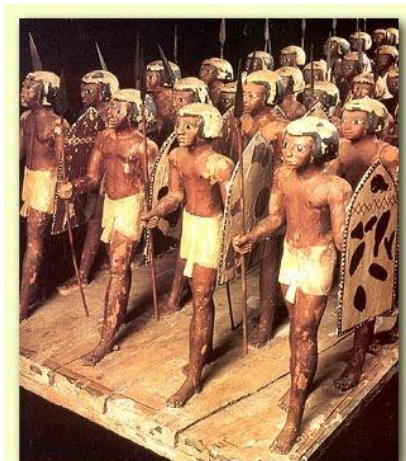


Figura 16²⁴: Maquete de tropa de soldados egípcios.

No período das primeiras dinastias o papel do soldado egípcio em nada condiz com o que estamos acostumados, acerca do que entendemos como desempenho militar. Durante um longo tempo no Egito não houve guerras contra outros povos, isso se deve às suas fronteiras fortemente delimitadas pelo deserto.

O sistema militar egípcio era muito bem organizado e controlado por escribas. Em teoria, o faraó era o chefe que controlava o exército, ele era auxiliado por um conselho de guerra, mas, muitas vezes, ele delegava as funções de combate a um general auxiliado por tenentes e nem aparecia no campo de guerra (BELER, 2016).

Em sua maioria, as situações de conflito egípcio giravam em torno dos nomos onde seus habitantes podiam gerar algum tipo de perturbação. Também se precisava dos soldados para manter a ordem durante a construção das pirâmides ou de outros monumentos, como: os templos e as pirâmides.

Sobre como eram os conflitos no Egito, Donadoni (1994), aponta que:

²⁴ Fonte História Clássica. Disponível em: < <http://www.historiaclassica.com/2010/01/la-vida-del-antiguo-egipto-retratada-en.html>>. Acesso em 30/11/2018.

A <<insalubridade>> do Egito torna-o um país onde as fronteiras são bem definidas por desertos e por mares – o que as torna das mais seguras que se pode imaginar – e, ao mesmo tempo, conduzem a definição de um universo orgânico e potencialmente alto-suficiente; a necessidade de se confrontarem com <<outros>> não é imposta pela situação a não ser em momentos especiais, ligados a um pulsar mais amplo da sociedade (e por isso da história) do Próximo Oriente, quando o valor absoluto desse <<universo>> estiver comprometido. Em geral os <<outros>> são sobretudo as franjas que se situam ao redor do cosmos egípcio, os nómadas, os habitantes das regiões limítrofes que fornecem ao Egito produtos mineiros ou de outro tipo, não organismos estatais, mas grupos étnicos que, a par da normal permuta pacífica de bens, podem apenas ser objeto e sujeito de pilhagens. Trata-se de elementos de perturbação para o sereno desenrolar da realidade egípcia, que o represente e a personificação oficial da realidade egípcia, o soberano tem a obrigação de refrear (p. 135).

Os soldados egípcios, quando necessário, também eram utilizados em expedições aos países vizinhos, além de missões dentro e fora da fronteira do território egípcio com o objetivo de buscar produtos preciosos. O soldado egípcio não tem as típicas funções agressivas, como a de outros exércitos, mas sim um caráter intimidatório.

Os confrontos, que surgiram em períodos posteriores às primeiras dinastias, são resultado de um processo de crescimento do oriente próximo, e acontecem em um período onde os faraós viram a necessidade e a possibilidade de expandir suas fronteiras.

Devido ao advento das invasões de outros povos no país, houve uma necessidade de defesa mais concreta, assim o exército e a tecnologia de defesa foram aumentando e se aperfeiçoando. O carro de guerra, puxado por cavalos, e algumas armas forjadas com o ferro foram introduzidas pelos *Hicsos*, no segundo período intermediário, quando estes dominaram o Egito.

Sobre as armas de combate utilizadas pelos soldados egípcios, Beler (2016), aponta:

No campo de batalha, os soldados dispunham de diferentes tipos de armas. Para combater à distância, utilizavam fundas ou arcos e flechas. No corpo a corpo, usavam clavas, porretes, adagas, punhais ou machados de guerra, uma arma temível capaz de matar na hora, se bem utilizada. Para se defender, eles se protegiam atrás de escudos de madeira recobertos com peles de animais. Às vezes, cobriam o corpo com espessas vestes de couro ou com cotas de malha de bronze (p. 23).

A organização militar em batalhas importantes, dividia a tropa em dois grupos: os soldados a pé, que constituíam o exército de menos prestígio, e os soldados com carros de guerra, que eram os mais nobres, como o faraó, os generais, tenentes, etc. Assim, o soldado egípcio representava uma classe, muito pouco favorecida, carregava seu alimento e água, o que deixava seus membros duros e curvados, ele não era um herói, mas, por muitas vezes um motivo de chacota para a população. Abaixo dos soldados estavam os artesãos, que construíam e ornamentavam os grandes monumentos egípcios.

1.2.6 Artesãos

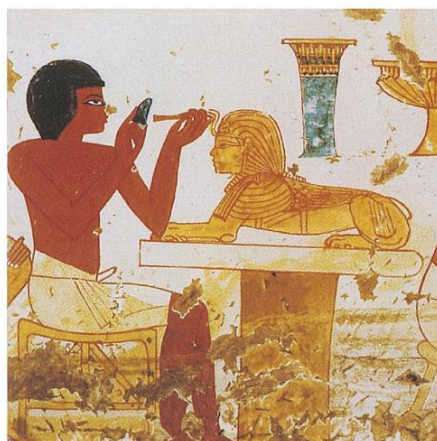


Figura 17²⁵ – Artesão esculpindo uma esfinge.

Os artesãos eram aqueles que tinham habilidade em todos os tipos de artesanato. O termo artesão, aponta a posse de uma técnica particular ou uma arte, capaz de construir artefatos ou monumentos diversos (DONADONI, 1994).

²⁵ Fonte: Viagem no tempo: Disponível em: <<http://viagemnotempoavvl.blogspot.com/2012/10/os-faraos-um-poder-sacralizado.html>>. Acesso em 27/11/2018

Sobre a categoria dos artesões, Beler (2016), diz que:

A comunidade dos artesãos reunia todos os que realizavam algum trabalho manual: ourives, escultores, pintores e carpinteiros, mas também tintureiros, barbeiros e tecelões. Entre todos os ofícios da categoria, os grandes privilegiados eram os artesões, que efetuavam um trabalho dito “artístico” (p. 24).

Nem todos os artesãos serviam ao faraó e aos nobres, alguns trabalhavam em aldeias e produziam artefatos para vender no comércio local. Só os considerados mais habilidosos serviam ao faraó.

Os artistas egípcios, não tinham a preocupação de assinar o seu trabalho, pois seu objetivo era alcançar a melhor qualidade e utilidade, quando decoravam as tumbas ou esculpiam um artefato, sua meta era somente ajudar o faraó a obter a imortalidade.

1.2.7 Camponeses

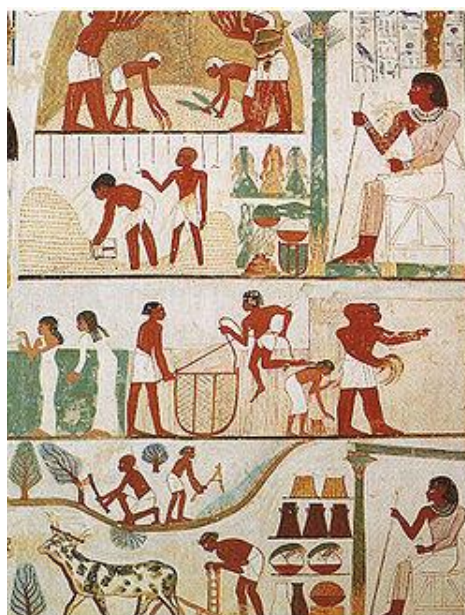


Figura 18²⁶ – Camponeses egípcios.

²⁶ Fonte: Teia dos Fatos .Disponível em: < <http://teiadofatos.blogspot.com/2012/02/egito-antigo-dadiva-do-nilo.html> >. Acesso em: 30/11/2018.

O Egito, desde seus primórdios, é uma civilização extremamente ligada a agricultura. São os camponeses a maior classe social, composta por mais da metade da população egípcia, os responsáveis pelo cultivo da terra e a domesticação de animais.

Era o camponês a espinha dorsal do Egito, mas este não possuía os créditos que lhe eram de direito, eles lavravam incansavelmente uma terra que não lhe pertencia e sustentavam toda uma sociedade que não lhe dava o devido valor, muito menos o suficiente para sobreviver.

Durante três milênios da história do Egito, o camponês foi a espinha dorsal da nação. [...] é um fato desagradável, mas que não surpreende; na realidade, sendo majoritariamente analfabetos, os camponeses egípcios não nos deixaram testemunhos escritos da sua vida e das suas pessoas, das suas aspirações, das suas esperanças e da sua opinião acerca de sua humilde condição e do seu infortunado destino. O camponês situava-se no degrau inferior da escala sócia, era uma molécula da enorme massa de gente vulgar, indistinta que constituía a maioria da população egípcia. Lutava duramente toda vida com a miséria, as privações e o cansaço físico e desaparecia sem deixar no mundo vestígios de si próprio: o seu cadáver era abandonado no deserto ou, na melhor das hipóteses, era lançado para uma estreita vala cavada na areia, sem qualquer pedra tumular com o seu nome (DONADONI, 1994, p. 15).

Com o passar dos anos a situação do camponês em nada mudou, ele foi negligenciado durante toda a história da civilização egípcia. O pouco que se sabe sobre as condições de vida dos agricultores, era registrado pelo escriba.

Acerca das condições que eram impostas ao agricultor egípcio, Beler (2016), disserta que:

O cultivador tem um ofício duro. Quando as águas da cheia cobrem o solo, ele cuida de seus materiais de trabalho, passa o dia trabalhando as ferramentas e as noites fabricando as cordas. Os gafanhotos são numerosos nos campos, o gado devora os cultivos, os pardais fazem a miséria. O que sobra vai para os ladrões. Então o escriba desembarca na costa; ele vem coletar o imposto sobre a colheita. Os guardas chegam armados de

porretes. Eles reclamam o grão, mesmo quando não há nenhum. Surraram o agricultor, amarraram-no e o jogaram no poço. Sua mulher também é amarrada e seus filhos são acorrentados (p. 26).

Depois das estações de colheita ele precisava se ocupar com os trabalhos de irrigação das terras secas. Eles construíam novos canais de irrigação e diques, além de restaurar os que foram danificados com a cheia do rio Nilo.

Os camponeses trabalhavam na lavoura a fim de conseguir aquilo que era necessário para o sustento de todo o Egito. Ficavam com uma pequena porcentagem do que era cultivado por eles, mas a grande maioria da safra ia para as mãos do dono da terra, ou seja, para o faraó, e assim distribuído para o restante da população.

O agricultor trabalhava para frutificar as terras do Egito, morava com sua família em uma, pequena e simples, casa de adobe, perto de seu local de trabalho. Ao morrer era enterrado diretamente nas areias do deserto, sem direito aos rituais funerários, necessários, para a sua entrada no mundo dos deuses. Era o camponês, a espinha dorsal do país, considerado um nada por todos aqueles que se beneficiavam de seu trabalho. Abaixo dos camponeses só estavam os escravos, estes que tinham uma vida parecida com a do camponês egípcio, sem regalias e muito trabalho.

1.2.8 Escravos

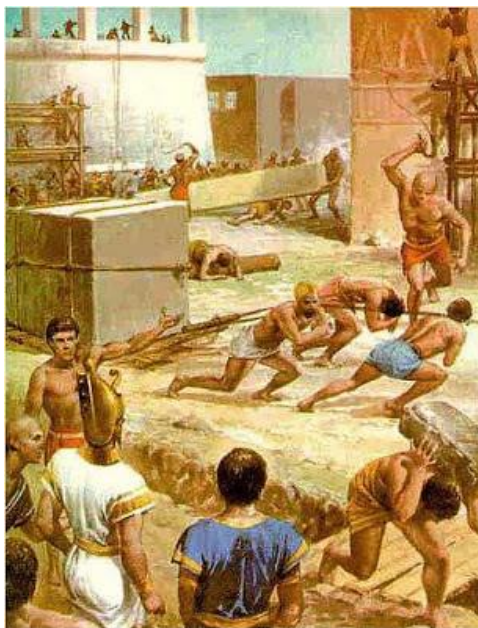


Figura 19²⁷ – Escravos trabalhando no carregamento de grandes blocos de pedra para a construção dos monumentos egípcios.

Estudiosos sobre a história econômica e social do Egito, divergem sobre a existência dessa classe social. Desde a antiguidade bíblica o povo do ocidente tem uma visão do Egito como, *bêt ābadīm* (casa de escravatura), como podemos ver na história de Moisés que liberta os escravos hebreus do Egito, atravessa o Mar Vermelho e os leva para a terra prometida.

A abundância de documentação escrita – epigráfica e papíria, literária e administrativa, religiosa e profana – transmitida pela cultura egípcia parece contrastar nitidamente com a escassez de informações acerca da situação antropológica (no sentido mais amplo do termo) dessa figura humana: é um facto – como vemos, documentado – que muitos dos grupos sociais descritos nos decretos reais ou nos textos administrativos estavam sujeitos a várias restrições da liberdade individual, mas uma questão mais difícil de resolver, e que exige um reexame atento das fontes, é saber a qual desses grupos – a que correspondem definições como *mrj. t*, <<dependentes>>, ou *d.t*, <<pessoal>>, *hsb.w*, <<trabalhadores forçados>>, *b3k.w*, <<operários>>, *hm.w*, <<servos>>, *hm.w-nzw*, <<servos reais>>, *sqr.w-‘nh*, <<prisioneiros de guerras>>, *‘3mw.w*, <<asiáticos>>, etc. – se

²⁷ Fonte: Teia dos Fatos .Disponível em: < <http://teiadofatos.blogspot.com/2012/02/egito-antigo-dadiva-do-nilo.html> >. Acesso em: 30/11/2018.

aplica com propriedade a definição de <<escravos>>. (DONADONI, 1994, p. 163).

O que se tem de mais concreto quanto à posição do escravo, é que estes eram prisioneiros de guerra e serviam como mão de obra. Os escravos egípcios eram uma minoria, pois em toda a história da civilização egípcia houve poucas situações de guerra.

2 A ESCRITA, A ORALIDADE E A EVOLUÇÃO DO HOMEM.

Para o ser humano a linguagem é o sistema que permite a comunicação de ideias e sentimentos, ou seja, ela é um sistema de signos que engloba a fala e a escrita de natureza social, de modo a garantir a eficácia da comunicação entre as pessoas.

Muitos são os autores que pesquisam e discutem sobre a comunicação, entre eles, Bakos (1998), que é um dos cientistas da linguagem, comenta:

A enunciação oral e a palavra escrita são, ou representam, atos que visam a comunicar; o que somente ocorre quando a fala é ouvida e o escrito lido. A função fundamental da linguagem é permitir a cada homem relatar a seus semelhantes experiências pessoais, o que ele sente ou percebe, por estímulo interno ou externo, suas certezas ou dúvidas, seus desejos ou necessidades (p. 73).

A comunidade acadêmica, hoje, reconhece três grandes espécies do gênero *homo*, para o estudo do desenvolvimento das articulações da fala: o *Homo Habilis*, o *Homo erectus* e o *Homo sapiens*. Acredita-se que os dois últimos podem ter vivido além da África, por meio de uma migração, composta por uma organização social e por uma fala rudimentar.

Fischer (2009), aponta que o *homo habilis* possuía uma saliência no cérebro, na região conhecida como área de Broca, que é essencial para o desenvolvimento da fala e da linguagem de sinais. Mas, esses homens ainda não possuíam uma fala articulada, e sim padrões de fala curta e lenta, sem qualquer som vocal significativo.

O *homo erectus* apresentou uma grande evolução, pois o seu cérebro com estruturas maiores permitiu que eles fossem os primeiros hominídeos propriamente adaptados, com um bom suprimento de carne e ferramentas em pedra, osso e madeira mais sofisticados. Acredita-se que esse *homo* tenha sido capaz de articular expressões vocais curtas e significativas, mas nada

comparado à linguagem falada tal qual temos hoje, isso se deve ao fato de que o buraco na vértebra, onde passa a medula espinhal, ainda era pequeno demais para que ele pudesse controlar a expiração e assim articular expressões vocais longas e complexas (FISCHER, *Ibidem*).

Os *homines sapiens* primitivos, já muito mais evoluídos que os seus antecessores, praticavam enterramentos ritualísticos, com oferendas a seus mortos, desenhavam e faziam música. Nesse período a fala articulada já estava sendo utilizada e esse *homo* deixou de ser apenas um “primata falante” para ser um “primata simbólico” (FISCHER, *Ibidem*), que desenvolvia pensamentos complexos para, não só se manter vivo, mas para dominar o meio em que o cercava.

Todo este processo de desenvolvimento do cérebro humano, junto ao desenvolvimento de uma função secundária dos órgãos articuladores, são os responsáveis pelo desenvolvimento de uma fala articulada e complexa. É por isso que estudar o aparelho fonador e suas divisões torna-se tão importante.

2.1 A FUNÇÃO PRIMÁRIA DO APARELHO FONADOR

Acredita-se que os nossos ancestrais primatas possuíam todos os atributos neurais necessários para desenvolver diferentes modos de expressão e de transmissão de ideias, mas presume-se que a linguagem oral humana surgiu junto ao gênero *homo* (FISCHER, 2009). É importante saber que antes do homem atingir o estágio da fala, os órgãos responsáveis por tal ação não tinham como função primária produzir sons.

Sobre os órgãos responsáveis para a produção da fala, Thaís Cristófaró Silva (2003), aponta que:

Os órgãos que utilizamos na produção da fala não têm como função primária a articulação de sons. Na verdade, não existe

nenhuma parte do corpo humano cuja única função esteja apenas relacionada com a fala. As partes do corpo humano que utilizamos na produção da fala têm como função primária outras atividades diferentes como, por exemplo, mastigar, engolir, respirar ou cheirar. Entretanto, para produzirmos qualquer som de qualquer língua fazemos uso de uma parte específica do corpo humano que denominaremos de aparelho fonador (grifo nosso, p. 24).

O aparelho fonador, que permite a articulação da fala, é composto por três grupos de órgãos do corpo humano: o sistema respiratório, o sistema fonatório e o sistema articulatório (SILVA, 2003).

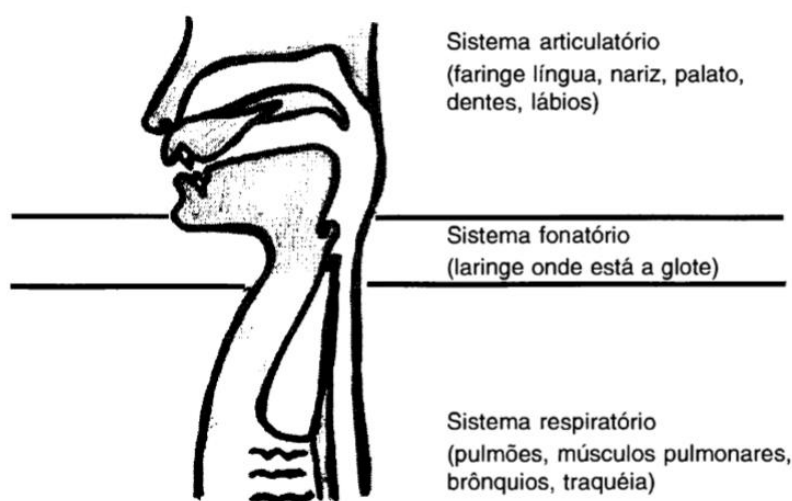


Figura 20²⁸ - Representação dos sistemas articulatório, fonatório e respiratório.

No sistema **respiratório** encontram-se os pulmões e os músculos pulmonares, ele é propriamente o conjunto responsável pela respiração do ser humano, que tem como função primária fornecer a corrente de ar (SILVA, 2003).

O sistema **fonatório** (ou energético) é composto pela laringe, que tem em sua parte externa, o pomo-de-Adão e em sua parte interna, a glote. Sua função primária é suspender a entrada de alimentos nos pulmões por meio da epiglote. Na glote estão as duas cordas vocais que se afastam ou se aproximam no ato da fonação (LOPES, 1981).

²⁸ Fonte: SILVA (2003, p. 24)

O sistema **articulatório** (ou ressonador) consiste da faringe, local onde o ar é expirado em direção do nariz ou da boca. É composto pela língua, dentes, lábios, nariz, véu palatino, úvula e fossas nasais, órgãos que tem como função primária: mastigar, cheirar, engolir, comer e sentir o paladar (LOPES, *Ibidem*).

Este sistema de órgãos, que compõem o sistema fonatório, permitem a articulação de sons linguísticos por meio do *ponto de articulação*. “Por ponto de *articulação* entende-se a região da cavidade bucal onde se produz o contato dos *articuladores*” (LOPES, *ibidem*, p. 105).

2.2 LINGUAGEM ESCRITA

Sabemos que antes de se tornarem agricultores e se estabelecerem em um determinado lugar, construindo suas tribos e posteriormente civilizações, os hominídeos falavam centenas e até milhares de línguas, como por exemplo, o que podemos ver hoje nos planaltos elevados da Nova Guiné.

Nesse período milhares de línguas surgiram e evoluíram, por meio de relações de amizade, comércio ou casamento entre tribos criando, assim, famílias linguísticas, as quais geraram as línguas que falamos hoje.

A linguagem oral é um meio de comunicação fundamental para a humanidade. Segundo Sagart (2008) foi a invenção da agricultura, no período neolítico, quem proporcionou o desaparecimento de milhares de línguas, enquanto que as línguas orais faladas pelos agricultores obtiveram um grande sucesso. Esta língua era levada de forma muito mais fácil à população, que nesta época já era muito maior do que a população do período anterior, e estava suscetível a mudanças constantes no que diz respeito à gramática e ao vocabulário.

A linguagem escrita é a representação de um estágio que é posterior à linguagem oral. Esta linguagem não é apenas uma representação, mas sim um sistema que é disciplinado e rígido, pois, um texto prima por uma elaboração mais adequada buscando corrigir os erros que são cometidos durante a fala oral e não poderiam ser corrigidos, uma vez que a linguagem escrita não conta com a voz, ela precisa se preocupar com a coerência de seus fatos. Assim, a linguagem oral e a linguagem escrita deixam registros que permitem que os fatos atravessem gerações e possam ser lidos e estudados posteriormente.

Fischer (2009), exprime que:

As línguas podem 'evoluir', ou seja, se desenvolver de maneira livre da intervenção intencional humana, mas os sistemas de escrita são modificados propositalmente para alcançar determinados objetivos específicos. O objetivo mais comum é uma melhor reprodução gráfica da língua falada do escritor (p. 110).

Não se sabe ao certo quando foi inventada a escrita, mas sabemos que esta surgiu como um aprimoramento de um sistema de contagem. Quando a fala e um aperto de mão deixam de ser suficientes para firmar acordos, o documento escrito surge para registrá-los. Sobre a invenção da escrita, Fischer (2009), aponta que:

Não foi uma pessoa que 'inventou' a escrita. Ela surgiu pela primeira vez numa ampla faixa que vai do Egito até o Vale do Indo, aparentemente como resultado da melhora de um antigo sistema de contagem e classificação. Um comerciante ou um funcionário melhorou esse sistema descrevendo pictoricamente o bem que estava sendo contado, medido ou pesado, para diminuir as ambiguidades (p. 107)

Língua e escrita formam dois sistemas diferentes de signos, onde a única função do segundo é representar o primeiro (Saussure, 2006, p.34). Sabemos que o objeto linguístico é a fala, mas a escrita está tão enraizada nesta que acaba usurpando-lhe o lugar de destaque. A representação escrita da fala tornou-se fonte de tamanha importância para o homem, que o signo vocal (a imagem) se

tornou mais importante que o próprio signo (a visão real). Sobre a importância da escrita para o homem, Fischer (2009), diz que:

A escrita preserva a língua falada, nivela, padroniza, determina, enriquece e gera muitos outros processos orientados pela língua como implicações sociais de amplo alcance. A sociedade humana como conhecemos não pode existir sem a escrita (p. 110).

Sagart (2008), exprime sua opinião sobre língua e linguagem dizendo que:

[...] A língua tem a ver com a cultura: você fala a língua do seu meio sócio cultural [...] Por outras palavras, a sua língua materna não depende dos seus genes, enquanto a linguagem é uma faculdade enraizada na biologia da nossa espécie [...] É provável que tenham sido estas faculdades que deram ao *Homo sapiens* a vantagem que lhe permitiu suplantar rapidamente as outras espécies de homínidos na mesma época (p. 59).

Essa visão acerca do desenvolvimento do homem para alcançar o estágio da fala e posteriormente o da escrita, baseia-se em um estudo diacrônico da linguagem, em que a história das línguas são estudadas. Por estas questões torna-se importante estudar o desenvolvimento da linguagem como ciência, de acordo com a visão estruturalista de Ferdinand de Saussure, para, assim, compreendermos os processos inerentes aos conceitos de língua e linguagem.

2.3 LÍNGUA E LINGUAGEM²⁹

A Linguística, tal como hoje é conhecida, desenvolveu-se em 1950 sobre a influência de Ferdinand de Saussure, mas a palavra linguística começou a ser

²⁹ Este estudo, trata de uma visão estruturalista da linguagem, que surge no século vinte, com a análise particular de uma determinada época, geralmente, sem observar seus dados históricos e comparativos. Sua principal personalidade era Ferdinand de Saussure 1858-1913, a quem nos baseamos da obra "Curso de linguística geral" (2006), para desenvolver o trabalho, o linguista definia a distinção entre o estudo sincrônico (relação dos fatores coexistentes, de uma determinada época, como foram apresentados e não a sua linha cronológica) e diacrônico (relações que um fato, localizado em uma linha do tempo evolutiva, tem com os fatores que lhe são sucessivos, ou seja que o precedem e seguem uma linha de continuidade histórica). Ele também distinguia a *langue* (língua) da *parole* (fala), onde a *parole* era o principal objeto de estudo da linguística.

utilizada em meados do século XIX para salientar a diferença na abordagem, inovadora, sobre o estudo da língua que estava se desenvolvendo na época junto à filosofia tradicional (WEEDWOOD, 2002).

Um estudo organizado sobre a língua surgiu na Índia antiga, para manter a pronúncia de textos religiosos, e na Grécia Clássica, para desenvolver um vocabulário técnico para análises de proposições. A linguística grega foi levada para Roma, onde se desenvolveu a preservação de textos religiosos do judaísmo, islamismo e cristianismo. Na Europa renascentista houve o estabelecimento de novas tradições literárias (WEEDWOOD, 2002). Todas estas tradições acerca do estudo das línguas, desenvolvidos em diferentes partes do mundo, tiveram seu papel na consolidação da linguagem como uma ciência.

“Muito antes da língua escrita, povos antigos divinizaram a fala humana como um dom especial de um deus, uma crença ainda presente hoje em dia em muitas culturas não relacionadas umas com outras” (FISCHER, 2009, p. 175).

A linguística é o estudo científico da linguagem, seja ela falada ou escrita. Segundo Weedwood (2002):

Para obter um quadro abrangente de como e por que a língua (gem) foi estudada no passado, todas essas diversas tradições – e diversas outras – devem ser levadas em conta, por mais diferentes que sejam das atuais noções do que se entende por “linguística” (p. 18).

Para Saussure, (2006), a língua não se confunde com a linguagem, pois ao mesmo tempo que ela é um produto social e essencial da faculdade de linguagem, ela também é um conjunto de normas sociais adotadas para, assim, permitir o exercício dessa faculdade nas pessoas. A língua é um princípio de classificação.

Ferdinand de Saussure deixou um legado de grandes contribuições para os diferentes campos estudados pelas línguas e pelas letras (LOPES, 1981). Suas ideias, para a construção de um novo objeto teórico para a ciência da linguagem, deixaram quatro dicotomias, ou seja, quatro pares de conceitos que devem ser definidos um em relação ao outro, de modo que um só faz sentido em relação ao outro. Estes conceitos são: sincronia *versus* diacronia, língua *versus* fala, significante *versus* significado e paradigma *versus* sintagma

O teórico reconhecia a importância e a complementaridade dos fatos estudados pela ciência da linguagem: a sincrônica e a diacrônica, estes que podem ser observados por seu eixo de simultaneidades ou de sucessividades (LOPES, 1981).

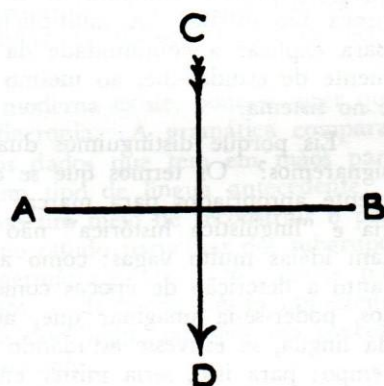


Figura 21³⁰ - Representação esquemática da sincronia (A – B) e da diacronia (C – D)

O eixo de simultaneidade (A – B) analisa as relações coexistentes entre os fatos, excluindo de sua investigação qualquer intervenção temporal, trata-se de um estudo de descrição sincrônica ou estrutural; o eixo de sucessividade (C – D) analisa as relações que um determinado fator, em uma escala evolutiva de tempo, tem com os fatores que lhe são sucessivos, ou seja, que o precedem e seguem uma linha de continuidade histórica, neste caso trata-se de um estudo de descrição diacrônica ou histórica.

³⁰ Fonte: SAUSSURE, (2006, p.95).

Em sincronia, os fatos linguísticos são observados quanto ao seu funcionamento, num determinado momento. Em diacronia, os fatos são analisados quanto às suas transformações, pelas relações que estabelecem com os fatos que o precederam ou sucederam. A diacronia não é algo que, necessariamente, é exterior a sincronia, tampouco a sincronia pode excluir os fatores de evolução de seus estudos. O estudo sincrônico sempre precede o diacrônico.

Na dicotomia sincronia *versus* diacronia, se estabelecem duas maneiras de estudar a língua; já na dicotomia língua *versus* fala, há a definição do conceito de língua.

A distinção entre linguagem/língua/fala constitui o objeto da linguística. Dela surge a divisão do estudo da linguagem em duas partes inseparáveis: o estudo da língua (*langue*) e o estudo da fala (*parole*). Para Saussure (2006) a língua opõe-se a fala, porque a língua é um dado social e a fala é um dado individual (particular de cada pessoa).

Lopes (1981), redizendo Saussure (2006), explica que:

Por *langue*, “língua”, Saussure designava o próprio sistema da língua, isto é, o conjunto de todas as regras (fonológicas, morfológicas, sistemáticas e semânticas) que determinam o emprego de sons, das formas e relações sintáticas, necessárias para a produção dos significados [...] A *parole* (fala) aparece aí como uma combinatória individual que atualiza elementos discriminados dentro do código: assim a *langue* é a condição para a existência da *parole*, exatamente como a sociedade é a condição para a existência do indivíduo (p. 77).

A língua (social) é o produto depositado no cérebro de cada um e a fala (individual) é expressada a partir de mecanismos psicofísicos. A língua é condição para se produzir a fala, mas não há língua sem o exercício da fala. Há necessidade, portanto, de duas linguísticas; a linguística da língua e a linguística da fala. Segundo Lopes (Ibidem):

Saussure parte do princípio de que a *linguagem* humana é uma abstração, uma *capacidade*: ela consiste na capacidade que o homem tem de comunicar-se com seus semelhantes através de signos verbais. A linguagem abrange, por isso, fatores físicos, fisiológicos e psíquicos (p. 76).

A teoria do “signo linguístico” apresentada por Ferdinand de Saussure surgiu no século XX, quando a linguística passa a ser reconhecida como ciência. Em seu “Curso de Linguística Geral”, ministrado em Genebra, o teórico considerou a linguagem “heteróclica” e “multifacetada”, pois ela abrange vários domínios e separa uma parte da linguagem, a língua, como um objeto unificado e suscetível de classificação.

Essa língua é, para Saussure (2006, p. 81), “um sistema de signos”, ou seja, o conjunto que se relaciona dentro de um todo, a parte social dessa língua. Para ele o signo linguístico resulta da união existente entre um significante e um significado, ou seja, de um conceito, “nome dado as coisas”, e a imagem acústica, “a coisa em si”.

“A imagem acústica não é o som material, mas a impressão psíquica desse som” (LOPES, 1981, p. 82), aquilo que evoca o conceito. Quando falamos em impressão psíquica da imagem acústica, queremos expressar o que vem à cabeça e não, necessariamente, é posto para fora, como por exemplo: quando vemos a imagem de um ‘esquilo’, pensamos diretamente na palavra “esquilo”.

O signo linguístico é uma imagem psíquica de duas faces, como uma moeda, eles estão sempre unidos, é impossível falar de um sem falar ao mesmo tempo do outro.



Figura 22³¹ - Signo linguístico: conceito e imagem acústica.

Quando falamos do signo linguístico, nos referimos à junção do conceito com a imagem acústica. Saussure (2006), para pôr fim a ambiguidade existente entre as noções, designou-lhes nomes que se relacionam entre si, mas ao mesmo tempo se opõem. O signo representava o total, enquanto a linguagem acústica e conceito foram designados como significado e significante.

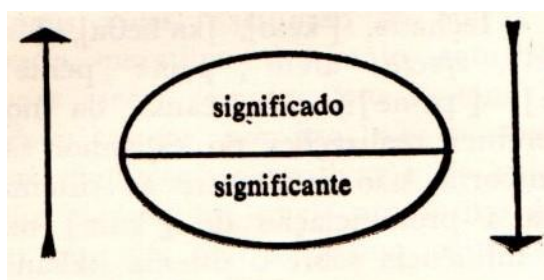


Figura 23³² - Signo linguístico.

O significante corresponde à linguagem acústica, ou seja, a forma, a representação do som não articulado, como quando pensamos em árvore e o som de seu nome ressoasse em nosso cérebro; já o significado corresponde ao conceito, é a ideia, não o objeto em si, mas a imagem criada pelo significante.

A linguagem é qualquer sistema de símbolos estabelecidos como signos ou códigos, verbais ou não-verbais, provindos da biologia de nossa espécie. Esta linguagem envolve a língua que é a condição para a produção da fala sociocultural dos grupos humanos.

Esta linguagem oral é fundamental para o desenvolvimento da humanidade, pois ela permitiu a comunicação entre grupos humanos desde a pré-história, mas é graças à linguagem escrita que podemos conhecer a fundo as grandes civilizações do passado, como a egípcia, que teve a sua oralidade extinta com a

³¹ Fonte: SAUSSURE, (2006, p.80).

³² Fonte: LOPES, (1981, p.82)

inserção de outros povos em suas terras e cultura, e somente com seus testemunhos escritos em papiros, gravados ou pintados em paletas e paredes de templos, palácios e túmulos, que podemos conhecer as particularidades políticas, sociais, econômicas e religiosas do Egito Antigo.

A civilização egípcia se desenvolveu as margens do Rio Nilo, no período Neolítico, e já nos seus primeiros momentos pré-unificação surgiram representações escritas brutas. Não sabemos ao certo quando surgiu a linguagem escrita, mas sabe-se que ela é a maior fonte de informação sobre o cotidiano social, político e econômico desse povo.

2.4 A LINGUAGEM ESCRITA EGÍPCIA

O povo egípcio foi um dos primeiros a se utilizarem da linguagem escrita como um meio de documentação da contabilidade, do cotidiano religioso, social e comercial. As primeiras formas de escrita, denominadas pictográficas, surgiram no final do período pré-dinástico, quando o Egito ainda era constituído por tribos, e iniciou-se o processo de unificação, época a qual o país passou por grandes transformações políticas e sociais.

A paleta de Narmer, faraó da primeira dinastia, é um dos mais antigos testemunhos da escrita egípcia. Ela mostra que desde o seu surgimento, os egípcios evoluíram suas técnicas de escrita muito rapidamente.



Figura 24³³ – Parte frontal (A) e posterior (B) da Paleta de Narmer.

³³ Fonte: BAKOS (1998, p. 84)

Atualmente no museu do Cairo, a “Paleta de Narmer” é uma placa em basalto que mede 63cm de altura, foi encontrada na região de *Hierakonpolis*, no Alto Egito. Em sua superfície estão inscrições sobre a unificação do Alto e Baixo Egito sobre a autoridade do Faraó *Narmer* (BAKOS, 1998).

Essa escrita é chamada de “hieróglifos” e deriva das palavras “sagrado”, para *hieros* e “gravar”, para *glyphos*, ela foi nomeada assim devido aos antigos gregos que a consideravam uma língua sagrada dos deuses (Higounet, 2003).



Figura 25³⁴ – Hieróglifos egípcios.

O egípcio antigo, que era falado no período faraônico, é uma língua morta, sabemos hoje que eles falavam uma língua pertencente à família linguística, atualmente denominada “afro-asiática” ou ‘camito-semítico” (elementos africanos e asiáticos), que integram algumas falas antigas e outras atuais, como o *berbere*, a *semítica*, o *tchádico*, o *omótico* e o *cuchita* (BAKOS, 1998). Mas, isso não foi o suficiente para descobrirmos a pronúncia, pois esta escrita não possuía vogais, o que permitiria o estudo da oralidade da civilização. Desta forma, temos na linguagem escrita a base para o estudo do desenvolvimento do povo egípcio.

Além da escrita hieroglífica, os egípcios inventaram outras três formas de escrita, que são: à **hierática**, surgida paralelamente com a hieroglífica, era a escrita dos sacerdotes; a **demótica**, que surgiu na XXV dinastia, era a forma cursiva da

³⁴ Fonte: HIGOUNET (2003, p. 39)

escrita, o que proporcionava mais agilidade na produção de registros rápidos; e a **copta**, que mistura o egípcio antigo e o grego, é graças a escrita **copta** que as línguas anteriores puderam ser traduzidas.

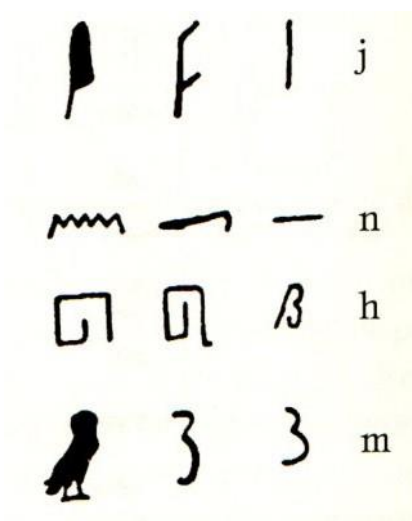


Figura 26³⁵ – Signos hieróglifos e demóticos.

O que se sabe sobre a escrita egípcia, hoje, é parte de um processo de pesquisa de estudiosos, curiosos por descobrir mais sobre a civilização. Foram precisos muitos anos de pesquisa, entre erros e acertos, para que em 1822 fosse, enfim, decifrado o código linguístico da civilização egípcia.

2.4.1 O mistério da pedra de Roseta: os decifradores da escrita egípcia.

A escrita hieroglífica foi decifrada por Jean-François de Champollion, mas antes dele, outros estudiosos buscaram decifrar esse código, dentre eles se destaca o Padre Athanasius Kircher, que em 1643, foi o primeiro a identificar na escrita cóptica remanescentes da escrita egípcia antiga.

Quando descoberta a pedra de Roseta que é um dos principais, se não o principal, documento histórico descoberto para a decifração da escrita egípcia,

³⁵ Fonte: HIGOUNET (2003, p. 42)

já deixou a impressão, em seus descobridores de que ela era uma grande descoberta, pois ela contém três inscrições em dois idiomas: em egípcio (hieróglifo e demótico) e em grego.

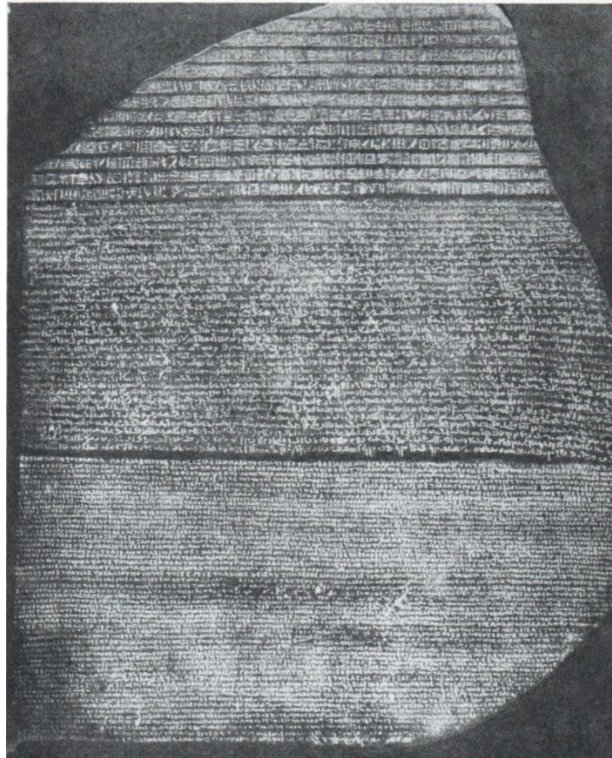


Figura 27³⁶ – Pedra de Roseta.

A pedra consiste em um bloco de basalto negro, com 1,14cm de comprimento, por 0,72cm de largura e 0,28cm de espessura (BAKOS, 1998). Foi encontrada em 1799 na antiga cidade de Roseta, por um soldado napoleônico, e levada para a cidade do Cairo, onde iria ser estudada no Instituto Egípcio, fundado por Napoleão. Os estudiosos do instituto decalcaram as inscrições e fizeram cópias que foram enviadas para a França. Para melhor ser estudada (DOBLHOFER, 1962). Da França, essas cópias da Pedra de Roseta se difundiram por todos os centros de pesquisa da Europa.

³⁶ DOBLOFER (1952, s/p)

Como a língua grega era de domínio público, os estudiosos pensaram que seria mais pertinente tentar decifrar a escrita hieroglífica e demótica através do princípio de comparação dos dados.

Em 1814, uma cópia da Pedra de Roseta chegou nas mãos de Thomas Young, medico, físico e naturalista, britânico, que tomou os estudos dos códigos egípcios como um passatempo. Young começou os seus trabalhos pela escrita demótica, pois percebeu que alguns caracteres do texto em grego se repetiam, e assim buscou separa-las dentro do texto. O físico também conseguiu identificar alguns hieróglifos com significado fonético e o nome do rei Ptolomeu (BAKOS, 1998).

Entusiasmado com suas descobertas Young publica o livro “Tradução provável do texto demótico da pedra de Roseta”, em outubro de 1814 (DOBLHOFER, 1962, p. 49).

Mas, antes disso, em 1808, na cidade de Paris, Jean-François de Champollion, com 17 anos, teve o seu primeiro encontro com uma cópia da pedra de Roseta. Mas foi em 1813 que ele decifra o seu primeiro hieróglifo (idem, ibidem). Graças a descoberta do nome do faraó Ptolomeu, por Thomas Young, que Champolion alavancou os seus estudos acerca da decifração da escrita egípcia.

Champolion descobriu que existiam três escritas egípcias no lugar de duas. Entre o Hieróglifo e o demótico existia a escrita hierática, uma forma mais cursiva da hieroglífica.

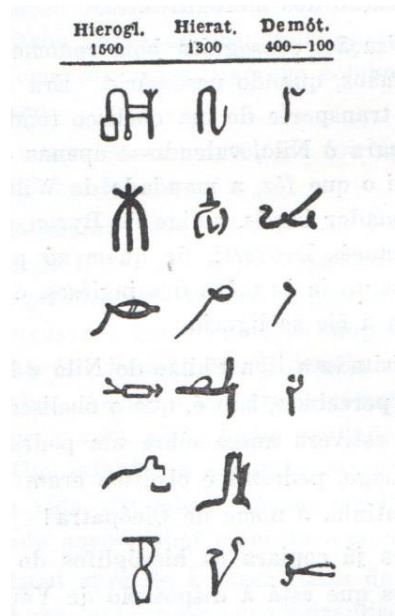


Figura 28³⁷ – Evolução das escritas hieróglifa, hierática e demótica.

Guiado por uma nova descoberta, do ano de 1815 do chamado “obelisco de Filé”, que foi levado a Inglaterra em 1821, este que também possuía inscrições em grego e hieróglifos, que Champollion, reconheceu o nome de Ptolomeu, mas próximo a ele existia um outro grupo de hieróglifos, os quais o tradutor descobriu representar o nome de Cleópatra (CERAM, 1960).

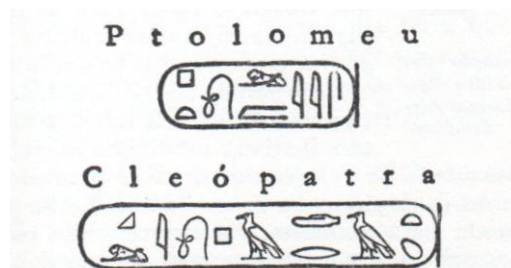


Figura 29³⁸ – Cartucho com os nomes de Ptolomeu e Cleópatra.

As duas placas com os nomes de “Ptolomeu” e “Cleópatra” proporcionaram 12 caracteres diferentes, que juntos deram a luz para a decifração dos hieróglifos (DOBLHOFER, 1962).

³⁷ Fonte: DOBLHOFER (1962, p. 64)

³⁸ Fonte: CERAM (1960, 103)

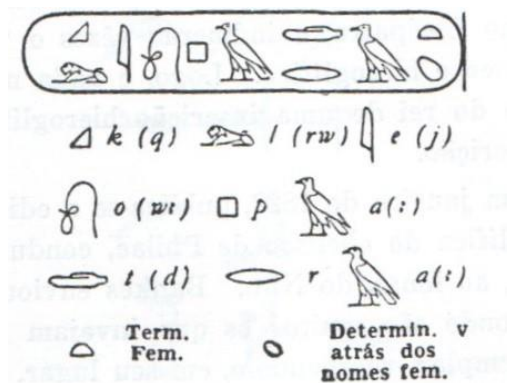


Figura 30³⁹ – Anel com o nome Cleópatra e sua decomposição

Em setembro de 1822 Champollion recebeu cópias de novas inscrições de hieróglifos, quando ele pode identificar nome de faraós genuinamente egípcios. Foram identificados os nomes de “Ramsés” e de “Thutmosis”, pertencentes ao segundo milênio antes de Cristo, o que pode provar que a antiguidade faraônica era maior do que se acreditava. Estava na escoria a chave para o conhecimento acerca da civilização egípcia (DOBLHOFER, *ibidem*).



Figura 31⁴⁰ – Nomes dos faraós Ramsés e Thutmosis.

Champollion morreu em 4 de março de 1832 (DOBLHOFER, *ibidem*), mas o seu legado ficou para a humanidade. Graças a seus estudos, hoje sabemos que os escritos egípcios tratam de sinais fonético-ideográficos e determinativos, que contam a história da civilização e as atividades do cotidiano desse povo.

³⁹ Fonte: DOBLHOFER (1962, p. 66)

⁴⁰ Fonte: DOBLHOFER (1962, p. 69)

2.4.2 A magia acerca da escrita egípcia

A escrita hieroglífica fazia parte da necessidade do homem de explicar a origem mitológica acerca de sua vida/morte. Os deuses foram responsáveis pela criação de todas as coisas no Egito, assim, as palavras também possuíam uma essência divina, desta forma o ato de escrever significava mais do que registrar, e sim, dar vida às coisas. A natureza dessa escrita é atribuída ao deus *Thot*, que detinha a sabedoria e era o patrono da escrita.

Thot era um deus lunar, do Baixo Egito, representado por duas figuras zoomorfas, um babuíno (macaco) e um íbis (pássaro), e por uma antropozoomorfa, um corpo humano com a cabeça de um íbis, que levava a cabeça uma coroa que representava a lua crescente (BAKOS, 1998).

A três mitos sobre a criação do Antigo Egito que mencionam *Thot*. O principal deles é o mito de *Heliópolis*, em que o deus é filho de Hórus, é protetor dos escribas e o responsável por anotar os pecados dos mortos em seu julgamento final, na passagem da vida para a morte (idem, ibidem).



Figura 32⁴¹ - Representação do julgamento de Lunefer, onde Thot aparece com a paleta de escriba na mão anotando os seus pecados.

⁴¹ Fonte: WILKINSON, 1992. In: Bakos, 1998, p.79.

Sobre o caráter mitológico do deus Thot dentro do mito da cidade de *Heliópolis*, Margaret Marchiori Bakos, (1998), diz que:

O mais forte com relação ao papel de Thot na mitologia de Heliópolis, é ele ser um deus conciliador, que trouxe a paz, através da escrita que ordenava o caos, considerado o grande mestre na arte da comunicação gráfica, patrono dos escribas e de todas as formas de conhecimento. [...] Como a maioria das divindades egípcias ele tinha um lado mau, era impiedoso, quando se tratava de castigar mentirosos, decapitando-os e extraindo seus corações (p. 78).

O segundo mito é o de *Hermópolis*, *Thot* é visto como um dos deuses que simbolizam as forças da criação do Egito. E o terceiro mito é o de *Mênfis*, o deus representava a língua de *Ptah* (O deus que criou tudo o que existe com a sua mente) (BAKOS, *Ibidem*).

Devido ao caráter divino da escrita, esta que era dotada de magia e possuía “vida”, os egípcios transferiram elementos do seu cotidiano para sua composição. Graças ao refinamento empregado nas pinturas e gravuras dos palácios, templos e tumbas funerárias, pode-se observar cenas realistas, com elementos da fauna e flora, além de atividades do dia-a-dia.

A escrita, para os egípcios, detinha tal poder que todos as tumbas possuíam essas inscrições, sejam em capelas, túmulos honorários (cenotáfios), portas falsas, antecâmaras, artefatos, etc, os hieróglifos estavam dispostos, em locais estratégicos, para garantir ao morto o suprimento do *ka* no outro mundo, ou seja, para garantir que os alimentos e tudo que oferecia prazer ao morto enquanto vivo sejam garantidos depois da morte.

As grandes maldições que aparecem em algumas tumbas, são fruto de uma tentativa de barrar os saqueadores, que roubavam o que pertencia aos mortos. Por meio da magia das palavras escritas, os egípcios buscavam garantir a proteção do sepulcro, através dessas advertências, onde a não respeitabilidade

implicaria diretamente no descumprimento de um dos principais princípios egípcio, que é o da ética, salientado pela deusa *Maat*.

Para os egípcios tudo o que existia estava interligado, da religião a economia tudo tinha fundamento nos deuses. O deus *Thot* era o patrono da escrita e este deu aos escribas os atributos divinos para dominar o registro de um nome, coisa ou pessoa. Dotada de princípios mágicos, a escrita hieroglífica detinha grande poder, e esse poder além de registrar, também garantia a proteção e o equilíbrio entre as forças do bem e do mau (BAKOS, 1998).

2.4.3 Os elementos da escrita hieroglífica

Os elementos que compõem a escrita hieroglífica podem ser fonéticos, como os símbolos representados no alfabeto latino, denominados de *fonogramas* e *ideogramas*, ou podem ser figurativos, ou seja, podem representar visualmente os seres ou objetos dos seus criadores, denominados *determinativos* (BAKOS, 1998). Para entender a escrita hieroglífica é necessário entender o contexto em que eles estão escritos, pois seus estudos partem de uma gramática complicada composta por signos.

Esse sistema de signos que foi criado para expressar a língua, é formado por um grande número de sinais, que no médio império chegou a aproximadamente setecentos hieróglifos (SANTOS, 2010).

Para entender a estrutura dos hieróglifos é necessário saber quando um símbolo possui valor fonético ou quando ele tem função representativa. Existem três indicadores básicos para definir essa questão. No primeiro deles, analisa-se o tamanho dos símbolos, as proporções são diferentes conforme o uso de cada figura, se este símbolo for utilizado como elemento da escrita, sua proporção vai ser inferior a quando ela é utilizada como um representativo de seres e objetos reais; No segundo caso, observa-se que o espaçamento e a densidade que existe entre os símbolos é menor, os hieróglifos foram projetados para ocupar o

máximo possível de espaços em branco. O terceiro indicador é a orientação em que se faz a leitura dos hieróglifos (BAKOS, 1998).

Sobre a orientação para a leitura dos hieróglifos, Santos (2010), diz que:

[...]basta olhar para onde qualquer uma das figuras animadas está direcionada, seja ela uma mulher sentada ou um pato em pé. Assim, se as figuras estão todas voltadas para o lado esquerdo do espectador, lê-se da esquerda para direita, se apontarem para a direita, lê-se da direita para esquerda. A mesma situação ocorre para as figuras que se encontram em colunas, basta observar a direção das mesmas. Esta regra possibilitou aos egípcios escreverem em quatro sentidos diferentes na horizontal e na vertical (p. 28).

O sistema hieróglifo recorria à signos que representassem as situações do cotidiano da civilização. Eles se destacavam por ser constituídos por imagens, as quais formam a estrutura desse signo, e que possuem duplo poder, pois mostram a si mesmos e representam um ou mais sons (BAKOS, 1998).

Antes de sua decifração, os hieróglifos eram tidos apenas como um sinal pictográfico, mas em 1822, quando Jean-François de Champollion decifrou esses códigos, lhe foram atribuídos três tipos de categorias de sinais para estudo, os: ideogramas, fonogramas e determinativos.

Os **ideogramas** estão relacionados com a ideia que é apresentada, eles não tratam diretamente do objeto, mas do conceito por ele apresentado.

Sobre a representação dos ideogramas, Higounet (2003), disserta que:

Os ideogramas que representam coisas concretas (sol, montanha, água), ações (comer, ir combater) ou abstrações (o sul, a velhice) foram vigorosamente defendidos contra a decomposição em elementos fonéticos ou permaneceram como a base do sistema (p. 40).

Os que tem como finalidade representar **coisas concretas**, ou seja, dão a ideia do objeto visível, possuem sinais que ligam sua representação natural a sua forma desenhada. Eles são numerosos na linguagem egípcia, mas isso não os faz exclusivos.

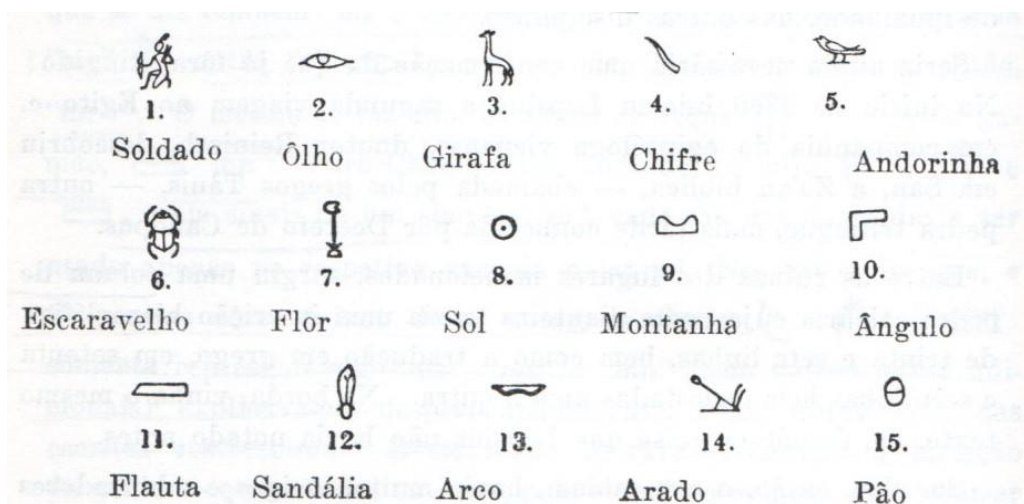


Figura 33⁴² – Ideogramas representativos de coisas visíveis.

Os representativos de **ações** (atos percebidos por sentidos), assim como o objeto visível, possuem relação com as formas representadas. “Figuravam-se tais atos no seu momento característico: o homem de bastão erguido (parte superior, à esquerda) quer dizer “bater”, a ave de asas distendidas quer dizer “voar”, e assim por diante” (DOBLHOFER, 1962, p. 76).



Figura 34⁴³ – Ideogramas representativos de ações.

⁴² Fonte: DOBLHOFER (1962, p. 76)

⁴³ Fonte: DOBLHOFER (1962, p. 77)

As ideias **abstratas** eram as mais difíceis de representar. Elas também representavam a ideia das formas. “O cetro recurvado dos faraós significava “dominar”, o lírio, flor das armas do Egito Superior, significava “sul”, o velho de bordão queria dizer “velhice”, a jarra de onde cai a água representava a ideia de “frescor”” (DOBLHOFER, 1962, p.77).

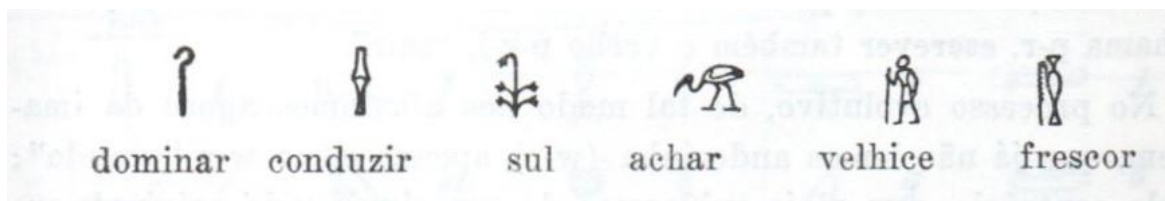


Figura 35⁴⁴ – Ideogramas representativos de ideias abstratas.

Os **fonogramas** são figuras que representam um som específico, eles podem ser divididos em três grupos, os *uniconsonantais* ou *unilaterais*, os *biconsonantais* ou *biliterais* e os *triconsonantais* ou *trilaterais* (BAKOS, 1998).

Para permitir a vocalização das palavras egípcias, os primeiros egiptólogos, criaram um sistema. Um “e” foi adicionado quando duas consoantes são colocadas juntas, como por exemplo “pr”, que significa “casa”, lê-se “per”. Os egiptólogos franceses pronunciavam, por exemplo, quando aparece um “w” em algumas palavras, um “u”. O “a” e o “i”, são lidos exatamente como são. Para quebrar a monotonia em algumas palavras ou nome dos faraós, trocou-se o “i” pelo “a”, além de, por vezes, inserir a vogal “o” (SANTOS, 2010).

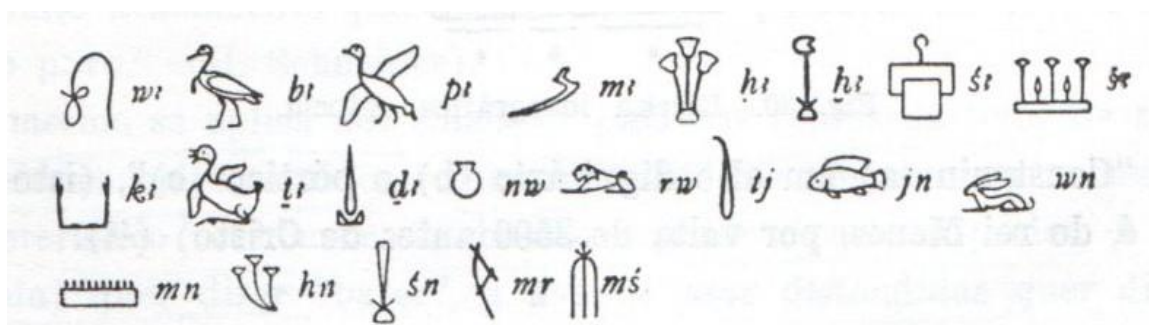


Figura 36⁴⁵ – Sinais de duas consoantes.

⁴⁴ Fonte: DOBLHOFER (1962, p. 77)

⁴⁵ Fonte: Idem, ibidem (p. 78)

Além das consoantes de duas sílabas, os elementos fonéticos também possuem palavras de uma sílaba. “Por intermédio das palavras de uma sílaba, a escrita egípcia chegou também à notação das consoantes isoladas” (HIGOUNET, 2003, p. 40). Os hieróglifos que os representam são em 24, e formam o que chamamos de “alfabeto”, com apenas consoante.








	'a	águia		h	cordinha
	i, j	folha de junco		h	disco
	'a	braço		h	bastão
	w	codorniz		s	tranca
	b	perna		s'	fio
	p	trança		š	bacia
	f	víbora cornuda		q	triângulo
	m	coruja		k	corte
	n	coruja			assento
	n	água		t	pão
	r	boca		t	corda
	h	cercado		d	mão
	h	cercado		d	serpente

Figura 37⁴⁶ – Consoantes isoladas

Os **determinativos** não possuem nenhum valor fonético, seu uso é restrito para, apenas, identificar o seu significado ou para localizar o final de uma palavra.

Higounet (2003), exprime sua opinião sobre a aplicabilidade dos determinativos, dizendo que:

⁴⁶ Fonte: HIGOUNET (2003, p. 41)

[...]eles se destinavam a concretizar o sentido das palavras escritas foneticamente (por exemplo, o “cartucho” oval em torno de um nome indica um nome de rei, ou até mesmo o determinativo *casa* acrescentado à palavra escrita foneticamente *j-s. t* dá o sentido de *palácio*, enquanto o determinativo *homem* acrescentado a esta mesma palavra dá o sentido de *grupo de trabalhadores*) (p. 40).

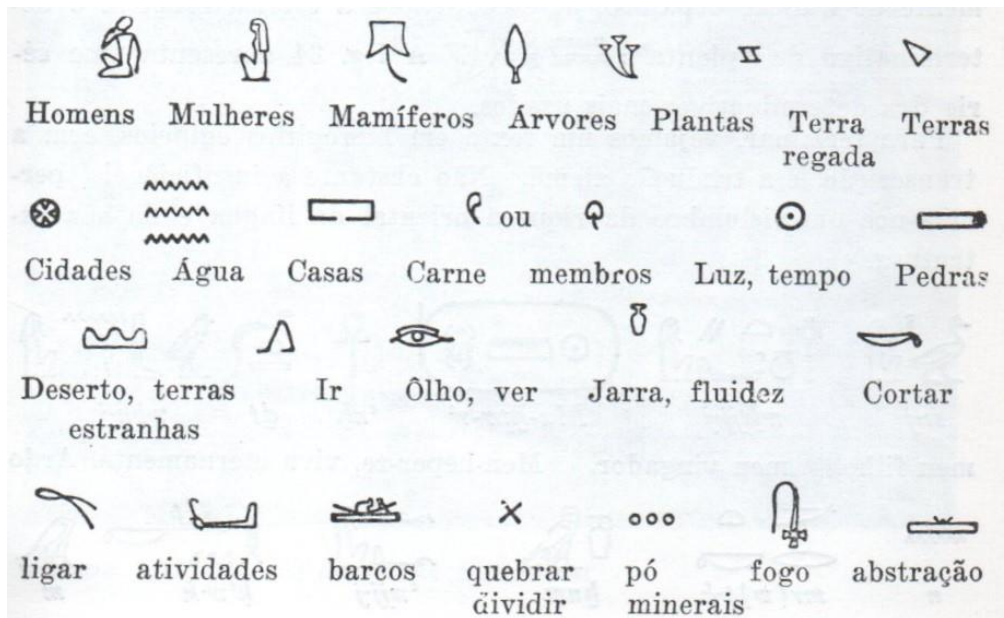


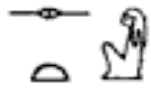

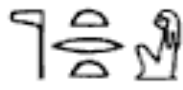



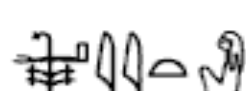
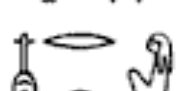
Figura 38⁴⁷ – Determinativos mais utilizados.


Bastante utilizado pelos egípcios, os símbolos determinativos são fundamentais para representar aquilo o que se quer dizer. Para ilustrar a ideia e a aplicabilidade de determinativos, Bakos (1981), utiliza o representativo “mulher”, para salientar as diferentes particularidades que um determinativo pode apresentar.


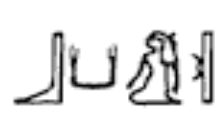
⁴⁷ Fonte: DOBLHOFER (1962, p. 81)

1)  Mulher sentada

Este é o determinativo feminino através do qual se entende uma série de palavras, relações, ocupações, funções e nomes, como as que seguem.

	<i>st</i>	“mulher”;
	<i>hmt</i>	“esposa”;
	<i>nrt</i>	“deusa”;
	<i>st</i>	“filha”;
	<i>h'rt</i>	“viúva”;
	<i>hmt</i>	“escrava”;
	<i>šm'yt</i>	“cantora”;
	<i>Nfirt</i>	“Nofret”;

2)  Mulher grávida, determinativo de:

	<i>iwr</i>	“conceber”;
	<i>bk3</i>	“estar grávida”;






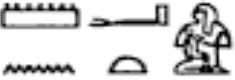




<p>3) </p>	<p>Mulher parindo, determinativo de:</p> <p> <i>msi</i> “dar à luz”;</p>
<p>4) </p>	<p>Combinação de mulher acorada junto com o sinal  , usado como o anterior;</p>
<p>5) </p>	<p>Mulher amamentando, determinativo de:</p> <p> <i>mn't</i> “amamentar”, “ama”, “mãe de criação”;</p>
<p>6) </p>	<p>Mulher sentada em cadeira com criança no colo, determinativo de:</p> <p> <i>mn</i> “ama”, “criar”;</p>
<p>7) </p>	<p>Rainha usando diadema e carregando flor, determinativo de nomes de rainhas.</p>

Figura 39⁴⁸ - Quadro com determinativo mulher.

Utilizando o símbolo  - *pr* - (casa), que é um hieróglifo de dois sons, como exemplo, Bakos (1998), apresentou um quadro para demonstrar como se dá a aplicação dessas três categorias de escrita.

⁴⁸ Fonte: BAKOS, (1998, p.91)


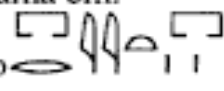

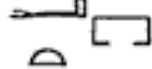


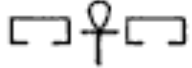
<p>1) Ele é um ideograma, quando grafado com a intenção de representar uma idéia. Por exemplo, é ideograma em:</p>		
	<p><i>pr</i> “casa” e também no coletivo</p>	 <p><i>pryt</i> “casas”;</p>
<p>2) Ele é um símbolo fonético - <i>pr</i> - em expressões como:</p>		
	<p>“ir para diante” e similares.</p>	
<p>3) Ele é um determinativo, quando grafado com a intenção de identificar fisicamente casa, construção e partes dela, em expressões tais como:</p>		
	<p><i>ḳt</i></p>	<p>“quarto ou dependência”;</p>
	<p><i>ḥwnn</i></p>	<p>“santuário”;</p>
	<p><i>mḥt</i></p>	<p>“tumba” ;</p>
	<p><i>pr - ḥnḥ</i></p>	<p>“casa da vida” (escola), etc.</p>

Figura 40⁴⁹ - Quadro com a aplicação dos ideogramas, fonogramas e determinativos.

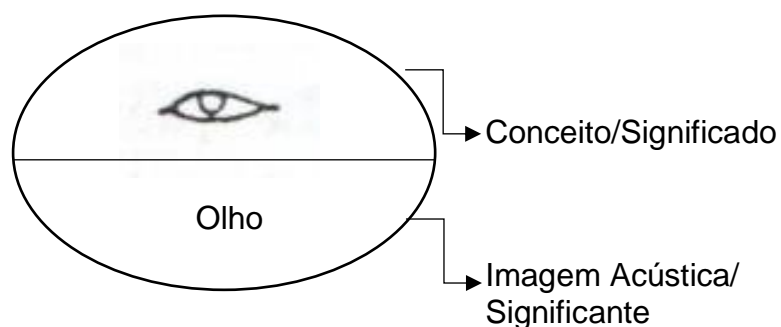
Já foi determinado que existem quatro formas de escrita egípcia, três tem em sua raiz apenas caracteres egípcios, que são os hieróglifos, o hierático e o demótico, estas são na realidade apenas uma escrita com formas simplificadas, e a última é a copta, que surgiu no período helenístico, e que carregava consigo apenas alguns caracteres egípcios para representar palavras que não existiam no grego. Por certo, tratamos apenas da escrita hieroglífica, pelo seu caráter místico e que muito intriga a todos.

Estes hieróglifos podem ser agrupados em diversas categorias, as quais representam figuras humanas ou diversas classes de animais e plantas, além de

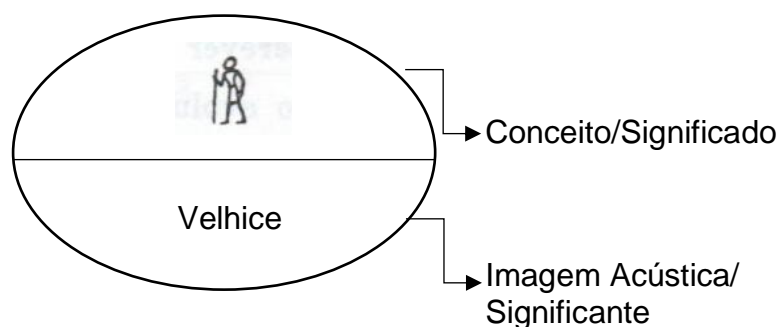
⁴⁹ Fonte: BAKOS, (1998, p.90).

objetos, edificações, dentre outros símbolos. Para entender e ler a escrita egípcia, são necessários todos estes processos iniciais, dentre outros, pois esta escrita possui uma gramática complicada composta de signos, ou seja, é necessário que se entenda todo o contexto em que ela está inserida e o seu conjunto de relações dentro de um todo, para assim chegar a sua leitura concreta.

Utilizando da teoria do signo linguístico de Saussure, observamos alguns hieróglifos para entender a sua aplicabilidade quanto a ser um signo linguístico. No hieróglifo 'olho', nós temos, o conceito 'olho' (a imagem), e a imagem acústica 'olho' (pensamento da palavra).



A mesma se aplica aos demais hieróglifos, sejam eles ideogramas, fonogramas ou determinativos, alguns com um grau de aplicabilidade mais complexo que outros, pois torna-se mais difícil observar a imagem acústica desse signo, como por exemplo o hieróglifo 'velhice', representado por um idoso com um cajado na mão.



Estudar a história da linguagem egípcia, ou seja, fazer um estudo diacrônico dessa linguagem, não é fácil, mas ao adentrar nas particularizações contidas em cada um desses símbolos observamos que não só os monumentos e artefatos são dignos de ser guardados e perpetuados, mas também a linguagem, deve ser preservada. A linguagem de um povo, seja ela oral ou escrita é parte de sua cultura, ela é um norteador para entender as atividades socioculturais dessas comunidades.

Decifrar a escrita egípcia revelou para nós o contexto histórico dessa civilização, nos introduzindo as suas particularidades sociais, políticas e cronológicas. Tivemos no escriba o principal personagem desta composição, pois era seu papel documentar todas as atividades da civilização, sejam elas de teor político, econômico, social ou religioso.

Graças aos estudos de François de Champollion e de seus antecessores tornou-se possível estudar o Egito e percebê-lo, como algo a mais do que a terra de grandes monumentos.

Os egípcios foram uma civilização de grande complexidade, fundamentada no grande poder de seus deuses, que venceram a seca do deserto e construíram a maior civilização do continente Africano.

3 METODOLOGIA

A pesquisa de cunho bibliográfico, é aquela que é desenvolvida com base em materiais que já foram elaborados e que contribuirão para a bagagem teórica e metodológica do pesquisador.

Ela consiste em uma consulta em fontes documentais constituída principalmente por livros e artigos científicos e, por vezes, trabalhos de conclusão de curso e teses de mestrado e doutorado.

Este método de pesquisa tem como finalidade investigar as diferentes contribuições científicas sobre determinado tema. Ela é acompanhada de técnicas de armazenamento, tais como: o fichamento e a construção de resumos que se relacionem com o assunto da pesquisa.

Sobre o método da pesquisa bibliográfica Fonseca (2002, apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 37) aponta que:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

Desta forma, este estudo caracteriza-se, metodologicamente, por uma pesquisa bibliográfica, pois ela vai nos permitir uma ampla abordagem de fenômenos, para assim, analisarmos os fatos históricos pretendidos. A pesquisa será realizada através de consultas a obras disponibilizadas em material impresso e acessadas virtualmente através da internet e em arquivos de programa PDF.

Para realizar este trabalho serão realizadas análises dos textos que servirão de base para a composição do trabalho e a comparação destes textos para que, assim, seja possível identificar o papel da escrita para o nosso conhecimento acerca das particularidades do cotidiano social, político e econômico da civilização egípcia.

TESSITURA FINAL SOBRE A LINGUAGEM ESCRITA EGÍPCIA.

A arqueologia é uma ciência que estuda o passado do homem e das civilizações, através de vestígios materiais ou imateriais. Ela abrange várias áreas de pesquisa como: a Arqueologia Pré-histórica, a Arqueologia Histórica, a Arqueologia de Contrato e a Etnoarqueologia. Como todas as outras, antes de se estabelecer como ciência, era uma disciplina de uma outra ciência já firmada, neste caso, a Antropologia. A partir da curiosidade dos primeiros arqueólogos que viajaram pelo mundo, em seu ano sabático, muitas ruínas de civilizações e cidades perdidas foram descobertas, e foram esses achados que contribuíram para a formação da ciência arqueológica. A descoberta e decifração da “Pedra de Roseta”, em 1822, por Jean-François de Champollion, e a descoberta do túmulo de Tutancâmom, por Howard Carter, deram o impulso que a arqueologia precisava.

Então, considerando os parâmetros dos estudos arqueológicos, nós nos indagamos: Como foi estabelecida a formação do Egito Antigo e a sua unificação? Como se dá a divisão cronológica egípcia? Como foi estabelecida a pirâmide social egípcia? E, principalmente, partindo do princípio estruturalista sobre a linguagem, com base nos estudos de Ferdinand de Saussure, até o estudo da história das línguas, ainda nos perguntamos: qual o papel da linguagem egípcia para o conhecimento acerca dessa civilização?

Nosso objetivo foi dissertar sobre a linguagem escrita egípcia, um dos objetos de estudo norteadores para o conhecimento sobre o cotidiano social, político e econômico dessa civilização, junto às suas questões sociais que fizeram do Egito Antigo uma sociedade caracterizada por uma pirâmide social de classes.

Desta forma, nossa hipótese baseou-se na ideia de que a linguagem escrita foi e é bastante relevante para os conhecimentos acerca da civilização egípcia antiga, pois, não só a “Paleta de Narmer” o “Papiro de Turim” e a “Pedra de Palermo”, como também outros inscritos como a “Pedra de Roseta” ou textos

gravados e/ou pintados nas paredes dos templos, túmulos, palácios e papiros, nos apresentam as particularidades que fizeram do Egito uma civilização próspera. Acreditamos que a linguagem escrita pode ter sido um facilitador do controle do processo econômico, que era regido por um escriba, personagem que nos proporcionou uma ampla visão das questões sociais que existiram no Egito.

Para a execução deste trabalho tivemos como base norteadora, de cunho Arqueológico-Histórico, os estudos de Ernst Doblhofer (1962), Antônio Brancaglione (2004), Jaime Pinsky (1987), Aude Gros de Beler (2016), Steven Roger Fischer (2009), Sophie Desplanques (2011), Waldomiro O. Piazza (2005) e Sergio Donadoni (1994); e para uma análise linguística nos baseamos na teoria estruturalista de Ferdinand de Saussure (2006), e outros autores que contribuíram para as discussões linguísticas, como Margaret Marchiori Bakos (1998). Considerando que este estudo foi construído a partir de um aporte teórico bibliográfico, caracterizou-se, então, metodologicamente, como uma pesquisa de cunho bibliográfico, pois foi realizada através de consultas a obras disponibilizadas em material impresso e acessadas virtualmente através da internet.

Os estudos acerca do Egito Antigo foram percutores para a estruturação da arqueologia como ciência, e é isto que torna a egiptologia (ciência dedicada apenas para o estudo da civilização) tão importante. A “Pedra de Roseta” foi grande percutora para os conhecimentos sobre a civilização do Nilo, pois a sua decifração permitiu a leitura de outros textos nas três línguas mortas do Egito. E foram estes textos junto aos diversos artefatos, deixados pelos antigos egípcios, que garantiram o conhecimento acerca do cotidiano social, político e econômico.

A civilização egípcia surgiu as margens do Rio Nilo, onde eles aprenderam a manusear as águas do rio e desenvolveram a agricultura e a domesticação de animais. Sua sociedade tribal, denominada de “nomo”, instituiu dois reinos: o Baixo Egito, situado no Delta do Nilo, e o Alto Egito, situado no Vale do rio.

Narmer, segundo faraó da primeira dinastia, no período pré-dinástico, foi quem instituiu a unificação do Alto e Baixo Egito em um só reino. Em um dos mais antigos testemunhos da escrita egípcia, a “Paleta de Narmer”, um bloco de basalto que atualmente está no museu do Cairo, encontram-se inscrições que consolidam a referida unificação e afirmam o caráter divino do rei.

Para entendermos estes fatos, buscamos a cronologia egípcia, esta é dividida em períodos denominados dinastias, e entre essas dinastias estão os períodos intermediários, e, por fim, os períodos de declínio da civilização, sobre o domínio de outros povos. A cronologia faraônica egípcia é conhecida graças ao “papiro de turim” e a “pedra de palermo”, estas que proporcionaram o conhecimento da linha sucessória dos faraós que governaram o Egito Antigo, até que o país se tornasse uma província de Roma.

Houve quatro processos de unificação no Egito, estes processos foram períodos de grandes mudanças sociais e políticas no país. Na primeira unificação, quando se estabeleceu uma pirâmide social de classes, o faraó aparecia em primeiro lugar, por ser visto como a encarnação do deus vivo; após o faraó, vinham os sacerdotes, os nobres, os escribas, os soldados, os artesãos, os camponeses e os escravos. Essa pirâmide social se manteve firme até o fim dos tempos no Egito, havendo poucas mudanças e algumas ordenações que regiam o cotidiano, por exemplo, a escrita hieróglifa, que era de domínio apenas do escriba, e que ganhou três ramificações: a hierática, a demótica e a copta. A hierática era praticada não só pelo escriba, mas também pelos sacerdotes; a demótica era uma versão mais cursiva de escrita e que proporcionava uma agilidade na produção de registros; e a copta, que misturava caracteres gregos e egípcios, era uma versão mais popular de escrita.

Como mostramos durante a pesquisa, a linguagem escrita do Egito Antigo não é fácil de se entender, mas, quando entendida, revela os mistérios de mais, de 3.000 anos de civilização.

Com este trabalho nós apresentamos a importância da linguagem escrita para os estudos acerca da civilização egípcia, observamos como a decifração da escrita foi fundamental para se conhecer os processos de formação e unificação do Egito Antigo, além de nos apercebermos de como estava estabelecida a pirâmide social de classes da civilização como também entendermos que a linguagem escrita surgiu na civilização egípcia em um período de grandes mudanças sociais e políticas.

As marcas de uma linguagem escrita são importantes para os conhecimentos acerca das particularidades de quaisquer povos, pois ela registra e “guarda” aquilo que não é possível a partir da linguagem oral. A linguagem utilizada no Egito Antigo, cerne do nosso trabalho, nos traz índices de sua cultura, organização política e econômica, fazendo-nos acreditar que estaremos contribuindo para alicerçar outros estudos acerca desse povo e da Arqueologia Histórica. É por isso que os estudos arqueológicos, não só referente à vestígios materiais, como líticos, cerâmica, ou pedras preciosas, ou imateriais, como a fala, a música, ou a dança, como também os estudos sobre a linguagem das civilizações, principalmente a linguagem escrita de línguas consideradas “mortas”, são a porta para o conhecimento das particularidades desses povos.

REFERÊNCIAS

As vestimentas dos faraós. Fascínio Egípcio. Disponível em: <<https://www.fascinioegito.sh06.com/faraveste.htm>>. 30/10/2018.

BAKOS, M. M. *Hieróglifos: história e princípios Básicos*. In: Jornada de Estudos do Oriente Antigo: linguas escritas e imaginarias (3.: 1997: Porto Alegre) [Anais] da III Jornada de Estudos do Oriente Antigo: linguas, escritas e imaginarias, Porto Alegre, 22 a 24 de maio de 1997/org. Margaret Marchiore Bakos, Katia Maria Paim Pozzer. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

BELER, A. G. *O Egito Antigo: passo a passo*. São Paulo: Claro Enigma.

BRANCAGLION, A. (2004). *Mediterrâneo e Médio Oriente na Antiguidade: formas de humanidade*. São Paulo: MAE – USP, 2016.

CERAM, C. W. *Deuses, Túmulos e Sábios: o romance da arqueologia*. (Götter, Graber und Gelehrte: roman der archaologie). Trad. João Távora. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1960.

Como foram construídas as pirâmides do Egito? Instituto de Engenharia. Disponível em: <<https://www.institutodeengenharia.org.br/site/2018/07/04/como-foram-construidas-aspiramides-do-egito/>>. Acesso em: 30/11/2018.

DESPLANCQUES, S. *Egito Antigo*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2011.

DOBERSTEIN, A. W. *O Egito antigo [recurso eletrônico]*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

DOBLHOFER, E. *A maravilhosa história das linguas*. São Paulo: Ibrasa-Instituição Brasileira de Difusão Cultural S.A, 1962.

DONADONI, S. E. *O Homem Egípcio*. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

Egito Antigo: a dádiva do Nilo. Teia dos fatos. Disponível em: <<http://teiadofatos.blogspot.com/2012/02/egito-antigodadiva-do-nilo.html>>. Acesso em 27/11/2018.

FARACO, C. A. *Linguística histórica: uma introdução do estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FARIA, R. D., MARQUES, A. M., BERUTTI, F. C. *História & Companhia*. Belo Horizonte: Editora Lé, 1998.

FISCHER, S. R. *Uma breve história da linguagem*. Osasco, SP: Novo Século Editora, 2009.

GAARDER, J., HELLERN, V., NOTAKER, H. *O Livro das Religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HIGOUNET, C. *História concisa da escrita*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

House of Stone The Step Pyramid. Guardian's Saqqara. Disponível em: <<http://guardians.net/egypt/cyberjourney/saqqara/step1.htm>>. Acesso em: 30/11/2018

La vida del Antiguo Egipto, retratada en maquetas de madera de 4000 años de antigüedad. História Clássica. Disponível em: <<http://www.historiaclasica.com/2010/01/la-vida-delantiguo-egipto-retratada-en.html>>. Acesso em 30/11/2018.

LOPES, E. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1981.

MOKHTAR, G. *História geral da África, II: África antiga*. Brasília: UNESCO, 2010.

Os Faraós - um poder sacralizado. Viagem no Tempo. Disponível em: <<http://viagemnotempoavvl.blogspot.com/2012/10/os-faraos-um-poder-sacralizado.html>>. Acesso em 27/11/2018,

PIAZZA, P. W. *Religiões da Humanidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

PILETTI, N., & PILETTI, C. *História & Vida Integrada*. São Paulo: Editora Ática, 2001.

PINSKY, J. *As primeiras civilizações*. São Paulo: Atual, 1987.

SAGART, L. *A saga das linguas*. In: DEHAENE, G. et al. *Uma história da linguagem*. Lisboa: Edições texto & gráfica LTDA, 2008.

SANTOS, M.E. Escrevendo em hieróglifos. *Leituras da História*. São Paulo: Editora Escala, n. 24, jan., p. 28-35, 2010.

SAUSSURE, F. D. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 7. ed. - São Paulo: Contexto, 2003.

Símbolos Egípcios. Dicionário de Símbolos. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/simbolos-egipcios/>>. Acesso em: 30/10/2018.

Vale dos Nobres em Luxor. Fincion.info. Disponível em: <<https://www.funcion.info/sacerdotes-en-el-antiguoegipto/>>. Acesso em 27/11/2018

WEEDWOOD, B. *História Concisa da Linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

Índices

Lista de deuses mais conhecidos do Egito Antigaⁱ

Amon: Deus da cidade de Tebas.

Representado por um homem usando uma coroa com duas plumas no topo, Rá é o principal deus do Egito.

Anúbis: é o deus da mumificação e da morte.

Tem sua figura representada por uma cabeça de chacal e o corpo de um homem, ou apenas a figura do animal chacal.

Apófis: É o deus do caos, maior inimigo de Rá.

É representado por uma grande serpente.

Aton: É o disco solar, ou eclipse solar.

É representado por um disco com raios que terminam com mãos que seguram a chave da vida.

Bastet: É a deusa gata, filha do sol.

É representada por uma mulher com cabeça de gato, ou pelo animal gato

Bes: Deus anão, é o protetor do lar das mulheres e das crianças.

Ele é representado por um anão sempre de frente.

Geb: É o deus da terra, pai de Osíris, Ísis, Set e Néftis.

Hapi: É o deus do Nilo e das Cheias.

É representado por uma figura metade homem, metade mulher, com uma barriga inchada e seios caídos.

Hórus: É o deus da guerra e protetor da realeza.

Representado por um falcão, ou por um homem com cabeça de falcão.

Ísis: É a deusa da magia, esposa e irmã de Osíris, e mãe de Hórus.

É representada por uma mulher com um trono na cabeça, em algumas representações Ísis também possui asas, isso se dá pela sua possibilidade de se transformar em um pássaro.

Maat: É a deusa da justiça e da verdade.

Sempre é representada por uma mulher com pluma de avestruz na cabeça. Sua pena é utilizada no julgamento dos mortos.

Néftis: Deusa do rio, esposa de Set, e mãe de Anúbis.

Nut: Deusa do céu, mãe de Osíris, Ísis, Set e Néftis.

Osíris: É o deus do mundo inferior.

É representado por um homem mumificado, com pele de coloração verde, uma coroa e duas plumas na cabeça, e o açoite e o cajado em mãos.

Ptah: É o deus dos artesãos.

Rá: É o deus sol e o deus da ordem, também é conhecido como Amon. Representado por um homem com cabeça de falcão e um disco solar na cabeça.

Seth: Deus do mal e das terras vermelhas do deserto. Representado por um homem com pele vermelha.

Sobek: É o senhor das águas. Representado por um crocodilo, ou homem com cabeça de crocodilo.

Thot: É o deus do conhecimento, da escrita e da lua. Representado por um íbis ou babuíno, ou um homem com cabeça de íbis.

ⁱ Fonte: Esta lista parte dos estudos de Riordan (2011, p. 397/398) e Beler (2016, 12/13).